

ROSANA AUGUSTA BONCOMPAGNO ROSSI PACHECO

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Gerontologia da aluna ROSANA AUGUSTA BONCOMPAGNO ROSSI PACHECO.

Neusa Maria Mendes Gusmão

Profa.Dra. Neusa Maria Mendes Gusmão
Orientadora

**VELHICE E CULTURA NAS RELAÇÕES FAMILIARES
E INTERGERACIONAIS:**

um estudo com avós nipo-brasileiras na cidade de Campinas

CAMPINAS

Unicamp

2008

ROSANA AUGUSTA BONCOMPAGNO ROSSI PACHECO

**VELHICE E CULTURA NAS RELAÇÕES FAMILIARES
E INTERGERACIONAIS:**

um estudo com avós nipo-brasileiras na cidade de Campinas

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação
da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas, para a obtenção do título de
Mestre em Gerontologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Neusa Maria Mendes de Gusmão

CAMPINAS

Unicamp

2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

P115v

Rossi Pacheco, Rosana Augusta Boncompagno

Velhice e cultura nas relações familiares e intergeracionais: um estudo com avós idosas nipo-brasileiras na cidade de Campinas / Rosana Augusta Boncompagno Rossi Pacheco. Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Neusa Maria Mendes de Gusmão
Dissertação(Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Idosos. 2. Relações familiares . 3. Desenvolvimento humano.
I. Gusmão, Neusa Maria Mendes de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Título em inglês : Old age and culture in family and intergenerational relationships: a study with aged Japanese-Brazilian grandmothers in the city of Campinas

Keywords: • Elderly
• Family relationships
• Human development

Titulação: Mestre em Gerontologia

Banca examinadora:

Profa. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão
Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri
Profa. Dra. Samila Sathler Tavares Batistoni

Data da defesa: 09 - 12- 2008

Banca Examinadora da Dissertação de Mestrado

Rosana Augusta Boncompagno Rossi Pacheco

Orientadora: Profa. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão

Neusa Maria Mendes de Gusmão

Membros:

1. Profa. Dra. Samila Sathler Tavares Batistoni

Batistoni

2. Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri –

Anita Liberalesso Neri

Curso de pós-graduação em Gerontologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 09/12/2008

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os idosos nipo-brasileiros, homens e mulheres, avós ou não, que souberam envelhecer com dignidade, apesar das adversidades encontradas ao longo do curso de suas vidas e de seu grupo étnico, e contribuíram e, ainda contribuem, com suas experiências de vida para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

AGRADECIMENTOS

Que Deus, a quem eu reconheço na pessoa de Jesus Cristo, em sua infinita bondade abençoe a todos que de alguma maneira colaboraram com esse trabalho!

Agradeço ao meu marido Sérgio e à minha filha Laura, aos meus pais, Ennio e Edilza, aos meus sogros Joel e Maria Odette, por estarem ao meu lado nos momentos de alegrias e decisões decorrentes desse trabalho.

À Professora Doutora Neusa Maria Mendes de Gusmão, que orientou gentilmente meus passos nessa trajetória, pela colaboração para o desenvolvimento de minhas habilidades acadêmicas e por acreditar que poderíamos cumprir todos os prazos!

À Professora Doutora Anita Liberalesso Neri, pela presença constante, apoio irrestrito e orientações pertinentes.

À Professora Doutora Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, pela orientação na banca de qualificação e orientações quanto à metodologia do trabalho.

À Professora Doutora Samila Sathler Tavares Batistoni, pelas palavras de incentivo e brilhantes sugestões na banca de defesa, o que contribuiu em muito para a melhoria desse trabalho.

Aos amigos e anjos da guarda Doutora Célia Sakurai e Doutor Fábio Kazuo Ocada, pelo incentivo e orientações necessárias à compreensão do pensamento dos idosos japoneses.

À amiga Professora Doutora Lígia Ebner Melchiori e à Doutora Maria Auxiliadora Dessen, pelas sugestões iniciais e pelas aulas inspiradoras sobre família.

Às mulheres idosas, avós japonesas participantes deste estudo, por abrirem as portas de suas casas e revelarem suas alegrias, sofrimentos e lembranças.

Aos amigos, mestres e docentes do curso de Gerontologia da Unicamp.

À UNICAMP pelo respaldo institucional através dos funcionários e estrutura física.

Aos servidores do Departamento de Pós-Graduação da Faculdade de Educação e da Faculdade de Ciências Médicas, pela presteza, atenção, colaboração e incentivo.

À CAPES e à Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (Fundo Bunka Banco Sumitomo-Mitsui - Apoio à Pesquisa com Idosos Nikkeis) pelo suporte financeiro.

À autora do livro sobre o Instituto Cultural Nipo-Brasileiro de Campinas Sra. Maria Katsuko Kobayashi, pelas palavras de incentivo e pelo empenho em ajudar a localizar as avós segundo os critérios exigidos pela metodologia desse trabalho, e também à Folha Obara, pelo apoio e interesse em divulgar a importância do estudo com idosos nipo-brasileiros nos dias atuais.

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, eu nada seria. E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se envaidece; não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá...

(I Coríntios, 13).”

Penso que há espécimes transplantáveis para países estrangeiros e outros inapropriados a tanto, ainda que todos sejam japoneses e por mais que não passem de tenras mudas. Devo pertencer ao que penso a esta segunda categoria. Então, não teriam os meus males todos derivados do traslado feito de um espécime exótico? Lembro-me de ter dito isso um dia. No entanto, após quarenta anos constato que, sem poder retornar à terra de minha origem, enraizei-me contorcida no solo do país em que fui replantada (Hironaka, 1995, p. 17).

	PÁG.
RESUMO	<i>xxiii</i>
ABSTRACT	<i>xxvii</i>
INTRODUÇÃO	31
A família como contexto para o desenvolvimento humano.....	41
Desenvolvimento humano, família e geração.....	46
As Relações Intergeracionais: questões psicológicas e sociais.....	49
OBJETIVOS	61
MÉTODO	65
Participantes.....	68
Procedimentos.....	70
Questões éticas/consentimentos.....	71
Roteiro de entrevista.....	72
Análise dos dados.....	72
Perfil das avós entrevistadas.....	74
RESULTADOS E DISCUSSÃO	81
A infância das idosas e a imigração.....	83
Como as idosas se vêem na configuração familiar atual.....	89
Relações intergeracionais nos dias atuais e a educação dos filhos.....	93
A existência de conflitos entre as gerações.....	98
O ICBNC: vida associativa para além da família.....	102
O contexto do ICNBC.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXOS	137

GLOSSÁRIO DE TERMOS JAPONESES

Bu – Departamento.

Dekassegui – Trabalhadores temporários.

Era Meiji – A chamada Era (ou Período) Meiji ocorreu no Japão entre 1868 e 1912, sucedendo o Período Edo e foi seguida pelo Período Taisho. O nome significa "governo esclarecido" e foi adotado pelo imperador que reinou neste espaço temporal, Mutsuhito Tenno (1852-1912).

Era Taisho - Em 1912, morreu o imperador Meiji, e foi sucedido pelo imperador Taisho, seu filho. Seu nome pessoal era Yoshihito.

Fujin-kai – Associação de senhoras.

Gambarê – Expressão típica japonesa que significa “esforce-se”.

Gate-ball - Esporte que utiliza um taco e uma bola. Praticado tanto em quadras de terra batida, como em quadras gramadas. Criado por um padeiro na província japonesa de Hokkaido (região mais fria do país), sendo que, atualmente, vinte milhões de pessoas o praticam tanto no Japão, como em outros países. Dez milhões se concentram na China, seguida pelo Japão. No Brasil, estima-se que existam, aproximadamente, dez mil praticantes. Vários campeonatos são realizados todos os finais de semana, movimentando um grande número de atletas, principalmente idosos de ambos os sexos.

Gorran – tipo de arroz japonês, cozido sem temperos em panela especial.

Inkyo – Afastamento dos idosos do mundo do trabalho - aposentadoria.

Kai – Associação.

Karaoke Aiko-aki – Associação de karaokê.

Kasato Maru – É o nome do navio que, em 1908, transportou o primeiro grupo de imigrantes japoneses vinculados ao acordo estabelecido entre o Brasil e Japão. Era originalmente um navio russo chamado Kazan, utilizado como navio-hospital durante a Guerra Russo-Japonesa. No final da guerra, passou para os japoneses como indenização de guerra ou capturado. Foi adaptado para ser navio de passageiros e transportou os soldados que tinham combatido na região da Manchúria (China), de volta ao Japão.

Meiji-kai - Associação de idosos.

Nikkei – Denominação para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou para japoneses que vivem regularmente no exterior.

Onigiri – é um bolinho salgado feito com os grãos de arroz inteiros compactados.

Rojin-bu – Departamento de idosos dentro de uma associação.

Seinen-kai – Associação de jovens.

RESUMO



Rossi Pacheco RAB. Velhice e cultura nas relações familiares e intergeracionais: um estudo com avós idosas nipo-brasileiras na cidade de Campinas. Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas, SP, Brasil, (98 p.), Outubro, 2008.

Resumo: Este estudo teve como objetivo compreender a realidade de cinco idosas nipo-brasileiras, residentes na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, nascidas entre os anos 1923 a 1933, pertencentes a um grupo étnico relativamente fechado, no qual a maioria de seus integrantes idosos, tanto no interior das famílias, como nos centros de convivência, empenha-se na preservação dos valores, crenças e hábitos japoneses herdados de seus antepassados. Teve como embasamento teórico o processo de envelhecimento sob a perspectiva do desenvolvimento humano ao longo da vida, considerando o desenvolvimento individual dentro de contextos sociais também em desenvolvimento, levando-se em consideração que os indivíduos não evoluem isolados, mas compartilham experiências com seus semelhantes. **Método:** foram utilizados relatos orais, através de entrevistas individuais gravadas, baseadas em questionário semi-estruturado, solicitando-se às idosas que se lembrassem de sua infância e relacionamento com pais e avós, assim como suas experiências de vida relativas ao próprio processo de imigração e, ainda, que relatassem como são hoje, suas relações familiares e intergeracionais. É uma pesquisa qualitativa, de caráter transversal. **Resultados:** As análises dos relatos orais permitiram conhecer os condicionantes históricos e a imagem idealizada que as idosas têm de seu país de origem, bem como perceber como esses aspectos influenciam seu processo de envelhecimento no Brasil e a importância desse fato na convivência com seus pares e familiares, fortalecendo seus laços sociais e sentimento de pertencimento a um grupo específico. **Conclusão:** A preservação e a manutenção da cultura, em iniciativas dessas idosas, juntamente com a de outros idosos da mesma coorte, tem um sentido de regulação emocional na velhice, na manutenção da identidade com o grupo e na funcionalidade perante seus familiares e descendentes.

Palavras-chaves: idosos, relações familiares, relações intergeracionais, desenvolvimento humano.

ABSTRACT



Rossi Pacheco RAB. Elderliness and culture in familiar and intergenerational relationships: a study with elderly nipo-brazilian grandmothers in the city of Campinas. Master Dissertation in Gerontology, Faculty of Medical Sciences, Unicamp, Campinas, SP, Brazil, (98 p.), October, 2008.

Abstract: This study had as a goal to comprehend the reality of five nipo-brazilian elderly women, residents in the city of Campinas, state of São Paulo, born within the years 1923 and 1933, belonged to a relatively closed etnical group, in which the majority of their elderly participants, as in the interior of the families, as in the living centers, strain in the preservation of japanese values, beliefs and habits inherited from their ancestors. It had as theoretical basis the process of aging under the perspective of human development throughout life, considering the individual development inside social contexts also in development, taking into consideration that the individuals do not evolve isolated, but they share experiences with their equals. **Method:** oral reports were used, through recorded individual interviews, based in half structured questionnaire, asking the elderly women to remember their childhood and the relationship with parents and grandparents, as well their life experiences related to the immigration process itself and yet, that they reported how are today their familiar and intergenerational relationships. It is a qualitative research, of transverse character. **Results:** The analysis of the oral reports allowed to know the historical restrictions and the idealistic images that the elderly women have of their origin country, as well to notice how these aspects influence their process of aging in Brazil and the importance of this fact in living with their matches and relatives, strengthening their social binds and the feeling of belonging to an specific group. **Conclusion:** The preservation and the maintenance of the culture, in initiatives from these elderly women, together with those from other elderly from the same cohort, they have a sense of emotinal regulation in elderliness, in the maintenance of the identity with the group and in the functionality face their relatives and descendants.

Key words: elderly, family relationships, intergenerational relationships, human development.

INTRODUÇÃO



Cada família, e sua forma particular de manter a motivação e o significado entre seus membros pode ser interpretada como representando uma cultura particular, um tipo de unidade que produz modos peculiares para se comunicar com o mundo externo e para avaliar as experiências (Kreppner, 2000, p. 13).

Na medida em que os anos passam é cada vez maior e visível o contingente de pessoas idosas, tanto nas sociedades ocidentais, quanto nas orientais. Esse fenômeno está associado a vários fatores, como por exemplo, a queda no número de nascimentos, o declínio na taxa de mortalidade e o aumento da expectativa de vida, todos por sua vez decorrentes de diferentes causas e justificativas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, com sede em Genebra, na Suíça, a expectativa de vida da população mundial, que hoje é de sessenta e seis anos, passará a ser de setenta e três anos em 2025. No topo da lista dos países com população com maior longevidade estão a Islândia, a Itália, o Japão e a Suécia. Para a OMS são consideradas pessoas idosas aquelas com mais de sessenta e cinco anos de idade (Stuart-Hamilton, 2002).

Esse referencial, contudo, somente é válido para os habitantes dos países desenvolvidos. Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, a chamada popular “terceira idade” se inicia aos sessenta anos e o aumento do percentual de idosos em uma determinada população, como o que vem ocorrendo, é denominado *envelhecimento demográfico*. Já o termo “expectativa de vida”, ainda segundo Stuart-Hamilton (2002), significa quanto tempo mais uma pessoa pode esperar viver. Descreve tipicamente a vida média restante para uma determinada coorte etária e em geral é formalmente definida como a idade em que a metade da coorte possivelmente já terá morrido.

As questões ligadas ao envelhecimento, que antes eram reduzidas ao mundo privado médico, enquanto práticas de caridade religiosa, atualmente migraram para um campo de discussão ampliado, gerando investigações em diversas áreas do conhecimento, não apenas da medicina. Segundo Cabral (2001), essas questões atingem a esfera do espaço público e esse prolongamento da vida tem a ver mais com o rejuvenescimento e a atual integração do idoso na sociedade, do que com a efetiva discussão sobre o velho propriamente dito.

Em termos de conseqüências médicas para essa população, isso acarreta o crescimento na demanda por serviços de saúde, maiores gastos com medicação, maior ocupação e, por mais tempo, dos leitos hospitalares, além do aumento da incidência de transtornos mentais e doenças típicas da velhice.

No tocante à repercussão econômica, o que mais chama a atenção no aumento da população de idosos é a grande parcela dessa população com menores possibilidades de auto-sustento, gerando a partir dessa mudança no perfil sócio-demográfico mundial, a necessidade de reestruturação social, política e econômica.

E em relação à configuração familiar, segundo Berquó (1999), a situação dos idosos reflete o efeito acumulado de eventos socioeconômico-demográficos e também, de saúde, ocorrida em etapas anteriores à velhice, como o tamanho da prole, a mortalidade, o celibato, a viuvez, as separações, os recasamentos e as migrações. Esses eventos formam, ao longo do tempo, distintos tipos de arranjos familiares e domésticos, configurando a diversidade de padrões na sociedade atual. O idoso pode ser colocado em situação de segurança ou de vulnerabilidade, conforme sua trajetória de vida e as configurações de sua família.

Para a autora é de extrema importância conhecer e compreender em que tipo de estrutura familiar ou doméstica está inserido o idoso, em que contexto, condição e estrutura de amparo ou não, já que a velhice encerra em si uma fase de perdas em relação a alguns aspectos, especialmente os aspectos de ordem biológica.

Berquó (1999) observou sistematicamente a evolução dos indicadores particulares a cada grupo de idosos categorizados por gênero, no período compreendido entre os anos de 1970-1989, os quais revelaram um aumento na proporção de pessoas integrando sua própria família nuclear, diminuindo a possibilidade de morar com os filhos ou outros parentes:

As condições materiais de existência, a solidariedade entre familiares, gerações e pessoas, as opções por independência ou por acomodação, a necessidade de aceitar o que não tinha outro remédio ajudaram certamente a dar forma a esse perfil do envelhecimento e à família no Brasil (Berquó, 1999, p. 38).

Para Debert (1999), as pesquisas desenvolvidas no final da década de 1960 sobre as relações entre idosos e seus familiares mostram que os estereótipos de isolamento, abandono e rejeição não expressam a condição de totalidade dessa população, nem no Brasil, nem nos países desenvolvidos economicamente. O que pode haver é a diminuição dos contatos sociais entre idosos, mas poucas modificações nas relações desses com filhos e netos.

A autora encontrou, ainda, outros estudos sugerindo que a tendência de os idosos morarem sós não precisa ser, necessariamente, percebida como sinal de abandono por parte de seus familiares e dos pesquisadores sobre o assunto. Pode simplesmente indicar um novo tipo de arranjo familiar, caracterizado pela motivação pessoal do idoso ou seus familiares, bem como o fato de viverem com os filhos, na mesma residência, não significar boa qualidade nas relações familiares. Não é o fato de viverem sozinhos ou em domicílios plurigeracionais que garante ao idoso uma velhice bem-sucedida ou não.

Ainda conforme Debert (1999), uma série de estudos sobre novas formas de arranjos residenciais tendem a rever a idéia de que o bem-estar na velhice estaria ligado à intensidade de boas e saudáveis relações familiares ou ao convívio intergeracional. A satisfação na velhice não necessita estar ligada diretamente ao eixo idoso-relações familiares, pois algumas pesquisas realizadas com idosos asilados revelam que novas comunidades são criadas, papéis sociais anteriormente perdidos são reencontrados, redes de solidariedade, de trocas e de afeto são desenvolvidas de maneira intensa e gratificante, promovendo uma experiência de envelhecimento positiva.

Debert (1999) constata que diferentes estudos têm a preocupação de comparar as alternativas criadas pelos idosos com aquelas de outros grupos que também têm procurado responder de forma inovadora aos desafios colocados pela contemporaneidade. Os motivos que os levam a conviver em grupos e comunidades próprias para essa faixa etária são os mesmos que levam outros grupos em diferentes faixas etárias a fazer o mesmo, como na adolescência, por exemplo. Assim, passa a existir uma reciclagem das identidades anteriores a partir da criação da nova comunidade, com seus novos valores e regras próprios a cada faixa etária.

Nesse sentido, alguns estudos relativizam a importância das relações familiares para o bem-estar na velhice, outros ressaltam as relações intergeracionais e o papel dos idosos no contexto familiar contemporâneo e outros, ainda, tratam das questões das comunidades criadas pelos idosos como forma de suporte social nesse momento próprio de suas vidas.

A dificuldade central dos trabalhos que procuram avaliar a velhice, em termos de relações entre gerações na família, integração ou segregação espacial está, sem dúvida, na ausência de medidores eficazes e definitivos. Contudo, a velhice é retratada de maneira distinta em função do tipo de interação focalizada. Pensar na relação dos idosos e a família é ora fazer um retrato trágico da experiência de envelhecimento, ora minimizar o conjunto de transformações ocorridas nas relações familiares. Pensar na interação entre idosos é, pelo contrário, traçar um quadro em que um conjunto de mudanças e a criatividade grupal seriam capazes de minimizar ou mesmo negar os inconvenientes trazidos pelo avanço da idade. Essa tendência fica mais nítida nas pesquisas preocupadas com a velhice em sua relação com a etnicidade e classe social (Debert, 1999, p. 55).

Em relação às pesquisas nacionais referentes aos contatos entre o idoso e seus familiares, para Saad (1999), citado por Goldani (2004), a preocupação se restringe apenas a análises sobre o envelhecimento, reconhecendo-se a família como fonte provedora de suporte aos idosos, quer através da co-residência, quer através das transferências de renda, bens e serviços ocorrendo em ambas as direções, ou seja, dos filhos adultos para os pais idosos e vice-versa.

Existe um consenso de que as famílias representam a arena onde as relações se desenvolvem e os mecanismos de apoio são moldados pelos valores e pelas experiências que envolvem ou são modificados ao longo de todo o ciclo de vida (Goldani, 2004, p. 221).

Para essa autora, as famílias estão mudando tanto em termos de forma como de significado e o modelo de família nuclear está sendo expandido para além das relações entre pais e filhos, compreendendo cada vez mais uma rede de relações de parentesco e de não-parentes gerada pelos casamentos, divórcios e recasamentos.

Goldani (2004) alerta que as fontes de dados secundários sobre as famílias são cada vez menos capazes de oferecer um bom quadro do que ocorre com fidedignidade dentro delas. As informações sobre a diversidade dos arranjos sexuais, a organização das relações de gênero e dos serviços domésticos e de responsabilidades pelo cuidado dos filhos, raramente estão disponíveis no Brasil. Tudo isso tem servido de justificativa para que se continue a utilizar o casal heterossexual com (poucos) filhos como sinônimo de família-modelo para, inclusive, a formulação de políticas públicas voltadas à população idosa.

A família seria um sistema complexo interligando pessoas com características próprias, unidas por laços de parentesco sanguíneo ou através do casamento, adoção, ou mesmo por laços de afinidade ou amizade. Muitas vezes, amigos próximos podem ser considerados membros da família de alguém e há casos em que a pessoa vivendo só pode se considerar sua própria e única família. Mas, de modo geral, a família se caracteriza por indivíduos que convivem e satisfazem entre si suas necessidades físicas e emocionais de suporte, carinho e afeto.

Ainda que nem todo idoso retrate o ideal de velhice, segundo Lemos e Medeiros (2006), o envelhecimento populacional é sempre decorrente do processo de desenvolvimento social. De modo geral, pode-se dizer que a qualidade de vida da população melhorou, sendo o próprio envelhecimento populacional um indicador desse processo. Contudo, pelo menos no Brasil, o aumento da expectativa de vida não foi acompanhado por melhora na qualidade de vida da população idosa, e muitos destes, encontram-se em situação de enfermidades, exclusão social, isolamento e inatividade, somando-se à isso a dependência física e/ou dependência cognitivo-emocional, acarretando para as respectivas famílias situações muito complicadas e penosas.

A desigualdade social impera e, então, convivemos com pessoas de todas as idades, inclusive idosos, com graves problemas econômicos, sociais e de saúde. A maior tragédia da velhice é a pobreza, porque ela carrega outros problemas de difícil solução a curto prazo (Lemos e Medeiros, 2006, p. 892).

Segundo Saad (1999), ao relatar conclusões de pesquisas sobre os contatos intergeracionais, nota-se que quanto mais rico o idoso, maior a ajuda material oferecida aos filhos e quanto mais pobre o idoso, menor o apoio material recebido dos filhos. Da mesma forma, quanto mais velho o idoso, maior a ajuda instrumental recebida e menor a oferecida, bem como quanto mais baixo o nível educacional do idoso, menor o apoio instrumental recebido. As mulheres idosas ajudam mais os filhos do que os homens idosos e por fim, a co-residência está associada diretamente ao aumento da probabilidade de receber ajuda para o manejo de incapacidades funcionais.

Outro aspecto é a categoria *sangue*, que segundo Lins de Barros (1987) permite que sejam determinadas as linhas de descendência e os laços de consangüinidade, transmitindo os caracteres genéticos, procurando decifrar nos membros de uma mesma família a recorrência de gostos, sintomas físicos e psíquicos, assim como preferências musicais e artísticas.

A família pode ser entendida, então, como uma instituição social, pois desde a infância seus membros necessitam desse tipo de organização para sua própria socialização, para o desenvolvimento de sua personalidade, satisfação de necessidades físicas de alimentação e cuidados de higiene e segurança, além de desenvolverem relações mais intensas com os demais membros do grupo, principalmente através da imitação e da observação dos comportamentos.

Passam a perceber e, também, a exercer determinados papéis previamente esperados pela sociedade, como os de filhos, netos e bisnetos. São papéis construídos ao longo de toda a vida desses indivíduos, sendo a família o principal e primeiro local onde se pode vivenciar a experiência das relações intergeracionais.

Atualmente, com o aumento da expectativa de vida, com os avanços da medicina e da tecnologia, várias gerações passaram a viver e conviver simultaneamente e conseqüentemente, novos padrões e atitudes têm sido adotados frente à velhice e ao tipo de contato intergeracional e na maioria das vezes, os idosos são vistos como quem já cumpriram os papéis sociais e estão em uma fase de perda e declínio.

A velhice e, simultaneamente, o fato de gerar descendentes, não é algo uniforme vivenciado igualmente para todos. Não existe um padrão único de envelhecer, pois há idosos fisicamente ativos nos grupos de “*terceira idade*”, freqüentando bailes e excursões turísticas organizadas especialmente para eles, ao mesmo tempo em que se encontram, atualmente, pessoas sem metas pessoais a serem cumpridas, ou até mesmo com quadros avançados de patologias comprometendo-os física e/ou psicologicamente. Por outro lado, conforme Debert (1999), existe um movimento de auto-gestão da velhice em que os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade pelo seu envelhecimento e, conseqüentemente, pela sua saúde, sua aparência e seu isolamento.

Se alguém não é ativo, não está envolvido em programas de rejuvenescimento, se vive a velhice no isolamento e na doença é porque não teve o comportamento adequado ao longo da vida, recusou a adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados e, portanto, não merece nenhum tipo de solidariedade (Debert, 1999, p. 35).

Essa nova forma de comportamento, segundo a autora, é veiculada principalmente pela mídia e com isso, cria-se um estereótipo de idosos ativos, que rejeitam a idéia de serem velhos, ao considerarem a idade não enquanto marcador pertinente da definição das experiências vividas. Se antes desse movimento midiático os idosos eram vistos e aceitos de forma homogênea, nivelados a uma condição de decrepitude e invalidez, agora o são através da divulgação da imagem de idoso ativo, participativo e saudável, negando com isso a própria velhice, obrigando a todos se identificarem com o novo padrão. Parte-se do pressuposto de que novas formas de relacionamento entre as gerações possam derivar desse movimento de busca pela saúde do idoso, pelo bem-estar e por que não dizer, de novas atitudes que podem partir principalmente da visão que os netos têm dos avôs.

Pode existir, em alguns casos, uma diferença muito grande entre ter um avô esquiador ou pára-quadista, de um avô isolado, triste e incapaz de funcionar socialmente para atender às demandas emocionais das crianças. Essas referências podem parecer simplistas diante da complexidade do envelhecimento, mas para as crianças, em grande parte, é assim que acontece: o que elas vêem e sentem é particular e pessoal e seu

desenvolvimento e crescimento dependem daquilo que vêm nos adultos, principalmente em relação à imitação e observação dos comportamentos dos mais velhos.

Nesse amplo contexto, estudar, pesquisar e compreender o universo das relações intergeracionais e familiares dos idosos, em especial do papel das mulheres idosas e avós dentro da família nipo-brasileira no momento histórico atual, bem como seu papel na configuração de seu contexto doméstico é relevante para ajudar a esclarecer as maneiras como diferentes grupos sociais lidam com crenças e expectativas relativas à velhice.

Falar em velhice requer dos pesquisadores uma atenção especial e espera-se deles que dêem dimensões específicas ao processo de envelhecimento e à pessoa idosa, especificando e contextualizando os grupos aos quais se referem. Localizar o grupo no tempo, no espaço e, principalmente, na cultura é relevante, pois o envelhecer pode ser parecido e previsível em termos biológicos, mas a influência do meio diferencia os idosos, principalmente no tocante aos arranjos familiares e às suas relações com os pares e descendentes.

A partir dos anos oitenta, organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas e mais tarde a Comunidade Européia tiveram um papel ativo na produção de novas sensibilidades em relação ao envelhecimento em diferentes culturas (Debert, 2004, p. 235).

Portanto, quando se fala em velho, velhice e processo de envelhecimento é preciso que se leve em conta, além da dimensão cultural, a questão da família e sua configuração, alocando o idoso, delimitando seu papel, seu habitat, sua história e origem, seu lugar na sociedade e no mundo. A compreensão do grupo familiar é importante, tanto para o idoso como para a sociedade e ajuda a compreender a complexidade da velhice. É disso que o presente trabalho fala, buscando verificar como se modificam os papéis assumidos pelos indivíduos ao longo do tempo, bem como suas posições familiares assumem novas posturas e localização dentro do grupo familiar e étnico.

A família como contexto para o desenvolvimento humano

Os estudos referentes à família, enquanto um contexto em desenvolvimento constitui uma passagem importante para a compreensão do modo como uma sociedade ou um grupo social, quando organizam materialmente sua vida diária, estabelecem alianças e relações entre si, atribuem significados ao seu ser no mundo e à sua localização no tempo histórico da humanidade.

A experiência de cada indivíduo dentro do grupo familiar diferencia um ou mais grupos sociais e também é atingida pelas transformações sociais. Por exemplo, o fenômeno da industrialização não teve o mesmo impacto nas famílias japonesas e nas norte-americanas, ou na rural e na urbana e burguesa. Entretanto, nem sempre a família se apresentou conforme o modelo atual. Segundo Lins de Barros (2004), a constituição da idéia de família moderna pode ser caracterizada pelo afeto.

Para a autora, as referências básicas para a história da família se encontram em Ariès (1981). De acordo com Àries, a família moderna parece ter nascido ao mesmo tempo em que o hábito de educar as crianças na escola. Em seu livro *História Social da Criança e da Família*, o autor discorre sobre os costumes familiares, bem como a representação que se tinha das crianças e da educação, desde a Idade Média até a modernidade.

Para Ariès, na Idade Média, o conceito de infância não existia como hoje. Não havia lugar para a escola na transmissão de aprendizagens, pois a aprendizagem era realizada pela participação das crianças na vida dos adultos no ambiente doméstico. No mundo europeu, somente no século XV, com o início da freqüência das crianças à escola, iniciaram-se algumas transformações nas realidades e nos sentimentos da família, passando esta a se concentrar nas relações entre pais e filhos de forma cada vez mais sentimental e afetuosa.

As transformações iniciadas estavam longe do modelo da família moderna (nuclear), a qual pressupunha uma forte vida interior, privada. É possível, contudo, afirmar que esta configuração teve sua origem no movimento iniciado no século XV, descrito por Àries.

Os progressos do sentimento de família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica. O sentimento da família não se desenvolve quando a casa está muito aberta para o exterior: ele exige um mínimo de segredo (Àries, 1981, p. 238).

Para Àries, ainda segundo Lins de Barros (2004), a noção de indivíduo é chave para a compreensão da família e da classificação dos seres humanos em faixas etárias distintas, onde esse indivíduo passa a ser um valor social, percebendo-se como uma entidade inigualável e única.

Família é uma noção socialmente construída, não sendo possível pensá-la sem suas referências normativas, ou seja, independente de critérios e pontos de vista, pois a família pode ser definida e entendida em função das variáveis ambientais, sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas. Seu conceito é multifacetado e polissêmico, não designando “*uma instituição padrão, fixa e invariável*” (Osório, 1997, p. 49).

Etimologicamente, a palavra família origina-se do latim *famulus*, que significa escravo. Parece que este conceito estava, inicialmente, ligado ao conjunto de servos relacionados a uma pessoa e nessa noção estão bastante incutidas questões de posse e de poder. Existem teorias que procuram explicar sua origem, baseadas na função biológica ou psicossocial. Nessa fundamentação, a família, então, é dita essencial, tomando como base o critério de que “*a origem e o destino deste agrupamento humano coincidem com o objetivo de gerar e criar filhos*” (Osório, 1997, p. 50). Esse ponto de vista explicita a sobrevivência biológica, assim como a possibilidade de proporcionar o desenvolvimento psíquico e a aprendizagem da interação social aos descendentes.

Para Carter e McGoldrick (1995), a definição de família varia de acordo com a bagagem cultural de cada pessoa, sua história de vida, e compreende o sistema emocional de pelo menos três a quatro gerações. Existem, além da família nuclear, outras com variação na sua conformação, da qual podem fazer parte, também, pessoas com vínculos afetivos significativos, mas sem laços de consangüinidade. Na cultura japonesa, por exemplo, considera-se como família as pessoas que moram na mesma casa, valorizando em muito os parentes que tenham ligações de consangüinidade (Shiba e Oka, 1996).

A definição de família varia de acordo com a cultura e o que constitui a unidade familiar em uma cultura, pode não ser a mesma em outra cultura. Os hábitos e estilos de vida se transmitem por herança cultural, impregnando cada membro familiar e construindo o fundamento de cada personalidade.

A família é, assim, um contexto em desenvolvimento porque promove a evolução dos indivíduos que a ela pertencem. É um nicho primário para a promoção da sobrevivência e socialização dos indivíduos e transmite significado social à vida de seus membros (Kreppner, 1992, 2000). Por ser a família um contexto primário do desenvolvimento, o ciclo de vida do indivíduo se insere no próprio ciclo de vida familiar. Existe uma simbiose entre o contexto particular e individual e o contexto familiar, este mais amplo e abrangente que o primeiro.

A ênfase no contexto familiar e seu impacto sobre o desenvolvimento individual da criança, particularmente durante períodos de transição, ajudam-nos a compreender como os diferentes modos de realizar as tarefas de desenvolvimento podem afetar o desenvolvimento individual (Kreppner, 1992, p. 173).

Para Kreppner (2000), a concepção dominante por muito tempo no âmbito das ciências que estudam a família e suas inter-relações reduz seu papel à transmissão genética, dando pouca ou quase nenhuma importância à construção do conhecimento intergeracional. O autor propõe uma redefinição dos estudos em relação às famílias, priorizando não somente seu importante papel na proteção do funcionamento biológico e à sobrevivência da espécie, mas também à manutenção e à transmissão de valores, tradições e significados culturais. O desenvolvimento humano se caracteriza por uma intensa interação entre constituição genética e fatores ambientais, interação essa que ocorre em um contexto específico, imbuído de certo clima emocional (Kreppner, 2003).

A integração entre família e desenvolvimento humano foi proposta na década de 1950 por Evelyn Duvall (1962), durante o “Workshop Interdisciplinar sobre Casamento e Família”, realizado na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos. De acordo com essa concepção, os membros de diferentes famílias e culturas necessitam constantemente adaptar-se às demandas e tarefas propostas pelos contextos nos quais estão inseridos

(Kreppner, 2000, 2003). Essas tarefas são desempenhadas em períodos específicos de seu desenvolvimento como grupo e como membros do grupo familiar.

As primeiras pesquisas sobre a importância de se compreender o indivíduo no contexto da família iniciou-se com Burgess (1926). Para ele, a noção de família como um grupo específico em desenvolvimento, inserido, ainda, em um contexto cultural também em desenvolvimento, faz com que se compreenda que família e cultura constituem contextos essenciais para a compreensão do indivíduo em sua singularidade.

As transições de um estágio de desenvolvimento para outro, dentro do *ciclo de vida* familiar, têm um efeito continuado sobre o desenvolvimento da família, influenciando logicamente os membros das diferentes gerações. Esse processo transmite padrões de funcionamento e relacionamento entre seus membros e acarreta estresse e ansiedade próprios desta experiência e do momento vivido no contexto cultural. Essa *cultura familiar* ou *cultura das relações familiares* é entendida como:

Um conjunto de regras tradicionais, implícitas e explícitas, valores, ações e ambientes materiais que são transmitidos pela linguagem, pelos símbolos e comportamentos, por um grupo de pessoas que interage de forma duradoura (Kreppner, 2003, p. 208).

Importante que se defina teoricamente a diferença, não somente semântica, dos termos *ciclo de vida* e *curso de vida*. Para Neri (2005), a palavra *ciclo* remete às idéias de sucessão, repetição e tendência ao fechamento e sendo assim, pode ser utilizada tanto pelos estudos na área da Psicologia como pelas Ciências Sociais, sendo que em Psicologia, o termo *ciclo de vida* é usado, geralmente, com o sentido de sucessão de estágios ou idades do desenvolvimento individual.

Nos estudos sociológicos, o termo *ciclo* é utilizado com o significado de repetição das experiências de desenvolvimento entre as gerações, de estágios de histórias de vida de coortes etárias, de estágios da vida familiar e da coordenação entre desenvolvimento individual, particular e a história das instituições sociais (Erikson, 1963; Buhler, 1935).

Compreender o desenvolvimento de um indivíduo implica em conhecer o ciclo vital humano e suas etapas, podendo remeter à idéia central de que a maioria das pessoas passa por etapas ao longo de sua vida, desde o nascimento até sua morte. Subentende-se, aqui, que a passagem de uma etapa a outra implica em mudanças e toda mudança em si pode ser considerada crítica.

Essa crise decorrente da mudança é vivenciada pelo indivíduo particularmente, mas deve-se levar em consideração que ninguém está totalmente isolado de seus semelhantes. Todo o grupo familiar também experiencia as crises. Conhecer as etapas do ciclo de vida, assim como a família e seu contexto social, permite predizer alguns dos problemas que se sucedem frente às ditas mudanças, como no caso, a velhice, aposentadoria e as implicadas relações familiares e intergeracionais.

Tendo isso em conta, existirão famílias e indivíduos que passarão por esses períodos de mudanças com maior facilidade e capacidade de adaptação, e outras, onde a rigidez das estruturas dificultará tais passagens. O ciclo vital está imerso na cultura de cada família e cada uma tem sua forma própria de passar pelas crises. Isso ocasionará alterações em nível social, cultural, bem como a nível das crenças e mitos de cada família.

Os padrões transmitidos pelas famílias de origem estão presentes nos momentos de crise e é a experiência criativa do novo acontecimento que construirá a nova cultura familiar. Conflitos emergem e intensificam as trocas intergeracionais, aquecendo os diálogos e a afetividade. A superação da crise vai depender da maior ou menor flexibilidade da família para interagir.

Assim, parte-se do pressuposto de que o início do ciclo vital de uma pessoa se inicia com a formação de um casal, que passa então, a constituir um novo sistema, o embrião da nova constituição familiar, que por sua vez terá características novas e próprias. Cada um dos cônjuges trará para o novo sistema suas crenças, mitos pessoais e familiares, modalidades e expectativas herdadas de sua família de origem.

Nesse sentido, a família é entendida como um sistema que se modifica ao longo do tempo e, portanto, é um sistema vivo. Seu processo evolutivo consiste num avanço progressivo até novos estágios de desenvolvimento e crescimento. Isso se dá na

recuperação do tempo, na integração do novo com o velho, do horizonte futuro com o presente e com a experiência passada.

Por essa razão, as etapas do ciclo vital são marcadas por eventos significativos: nascimentos e mortes, separação da família de origem e formação do novo casal, nascimento do primeiro filho, do primeiro irmão, o nascimento dos filhos na evolução da relação conjugal e parental, a adolescência e passagem à idade adulta dos filhos, a desvinculação progressiva de pais e filhos, o casal conjugal e parental na maturidade e envelhecimento, o acontecimento avós e netos, e enfim, a separação pela morte de um dos membros do casal.

Os padrões familiares estabelecidos dependem das trajetórias de desenvolvimento de cada um e também do grupo familiar como um todo. A inter-relação entre o desenvolvimento do indivíduo e o da família é claramente observada nos estágios do *ciclo de vida* familiar e com estes se constata a relevância da transmissão de valores e crenças pela geração dos idosos para a geração dos filhos e netos, favorecendo, assim, a formação da cultura das relações familiares, dentro da perspectiva maior do *curso de vida*.

A transmissão do conhecimento acumulado de uma geração à outra é idéia central para a compreensão do conceito de *ciclo de desenvolvimento* que revela a conexão entre desenvolvimento, família e cultura, uma vez que cada família, em especial, possui seus próprios padrões de comunicação, que por sua vez, influenciam as experiências de seus membros (Burguess, 1926).

Desenvolvimento humano, família e geração

A ciência do desenvolvimento humano se refere à uma orientação geral que integraliza conceitos e pesquisas sobre desenvolvimento humano, os quais enfatizam a ação recíproca e dinâmica de processos subjetivos ao longo de enquadramentos de tempo, espaços e contextos. Nessa perspectiva, os fenômenos do funcionamento individual são vistos, no *curso da vida*, em múltiplos níveis – dos subsistemas da genética, da neurobiologia e dos hormônios, aos sistemas das famílias, redes sociais, comunidades e culturas (Marinho-Araujo, 2006).

Para as autoras Dessen e Guedea (2005), a noção de curso de vida implica na consideração de que as mudanças e a interdependência das trajetórias do indivíduo vinculadas à idade dependem das mudanças que ocorrem nas sociedades. Por exemplo, a entrada na escola e o momento de se aposentar variam entre as sociedades, sendo que essa abordagem considera quatro princípios paradigmáticos: variações geográficas e históricas nas vidas humanas; organização humana e suas restrições sociais moldando as trajetórias do desenvolvimento; o papel central do tempo de oportunidade na estrutura e processo do desenvolvimento; e as vidas relacionadas ou interdependentes na matriz de relações sociais, no tempo.

Ainda segundo as autoras (2005), tais princípios geram, portanto, quatro temas principais a se considerar: o entrelaçamento das vidas humanas e as mudanças históricas e ambientais, as organizações humanas e as tomadas de decisões e as restrições sociais, o senso de oportunidade das vidas e, por fim, as vidas em relação.

Para Elder (1996) adotar essa abordagem significa focalizar as mudanças nos padrões de vida, levando em conta seus contextos específicos, enfatizando o papel das mudanças sociais no processo de desenvolvimento do indivíduo. Segundo o autor, a necessidade de pesquisas na área de família e as relações intergeracionais, principalmente sob a perspectiva do desenvolvimento humano, caracteriza-se por estudar as fases de desenvolvimento do indivíduo considerando o que acontece na "família" enquanto grupo.

Os estudos encontrados na literatura nacional e internacional apresentam um alto nível de complexidade, pois entender o contexto familiar não é uma tarefa simples, visto que a família é um dos primeiros sistemas de socialização dos indivíduos e isso gera possibilidade de maior compreensão do processo de desenvolvimento humano (Minuchin, 1985, 1988).

Nesse sentido, compreender esse processo de transmissão de padrões em um contexto complexo de integração entre família, cultura e desenvolvimento humano, também constitui um grande desafio, e exige compreender o que se entende por geração. O conceito de geração, segundo Neri (2001) é baseado em relações de parentesco, embora também se considere geração como experiências vivenciadas através do desenvolvimento da história da humanidade.

Para o modelo de estratificação etária, a diferença entre gerações é correspondente a que existe entre pais e filhos, ou seja, cerca de vinte e cinco anos, o que determina que numa geração exista mais de uma coorte. Gerações e coortes sucessivas tendem a experienciar diferentes tempos históricos, com repercussões distintas sobre as trajetórias individuais e das instituições sociais (Neri, 2001, p. 18).

Assim, segundo Kreppner (2000, 2003), a troca entre a criança e seu mundo externo formar-se-á o que o autor mesmo denomina *ambiente proximal* da criança, o que definirá futuramente seus relacionamentos e proverá um fundamento essencial para sua construção de significados. A família funciona, então, como mediadora do processo, tanto promovendo uma cultura específica de comunicação e um clima emocional particular, como oferecendo suporte ou, mesmo, impedindo o desenvolvimento de várias habilidades tipicamente infantis, mas que não se reduz à infância.

Segundo Dessen (1994, 1997) e Dessen e Lewis (1998), as interações e as relações entre as gerações e entre os membros de uma mesma família, bem como os padrões de comunicação estabelecidos entre eles nos diferentes estágios do desenvolvimento humano dependem da qualidade das relações estabelecidas.

O desenvolvimento de indivíduos e seus relacionamentos ao longo do tempo, contextos sociais e históricos, como influências do desenvolvimento e variabilidade intrafamiliar na experiência e percepção da vida familiar, são temas recorrentes nas pesquisas desenvolvimentais contemporâneas. A família é um grupo com *curso de vida* mutuamente contingente, sendo que a escolha da palavra “*curso*” coloca a noção da família com a dimensão temporal, pois os indivíduos mudam ao longo do tempo e seus relacionamentos devem ser examinados a partir de uma perspectiva também temporal. O termo “mutuamente contingente” indica que as trajetórias desenvolvimentais dos membros familiares são inter-relacionadas e em alguma extensão, interdependentes.

Assim, em um tempo de rápidas transformações sociais, os membros da família são forçados a reconsiderar, e às vezes, a renegociar papéis familiares. Os relacionamentos no interior da família se desenvolvem e se transformam, sendo difícil, senão impossível, entender o curso de desenvolvimento sem se referir às mudanças históricas e circunstâncias sociais.

Do mesmo modo, em relação ao envelhecimento, este também é um dos fatores de modificação nas relações entre diferentes gerações, ao possibilitar o convívio entre novos grupos sociais, aglutinando cidadãos com diferentes culturas, reivindicações, histórias de vida e expectativas de direito (Bassit e Witter, 2006). O envelhecimento suscita um levantamento sobre as condições dos grupos, dentre eles a família e suas inter-relações, bem como o conhecimento e a valorização das experiências daqueles que envelhecem.

Compreender esse processo de transmissão de padrões em um contexto complexo de integração entre família, cultura e desenvolvimento humano constitui um dos desafios na compreensão das relações familiares, tal como aqui se propõe discutir.

As Relações Intergeracionais: questões psicológicas e sociais.

As relações intergeracionais e as questões psicológicas e sociais envolvidas no contexto de trocas entre pais e filhos, avós e netos tem como pano de fundo a visão de grupo familiar em desenvolvimento.

As formas de solidariedade entre as gerações construídas no espaço público permitem identificar diferenciações entre essas formas e aquelas tecidas no interior do seio da família, onde as regras de reciprocidade se vinculam à consangüinidade e às relações de parentesco que envolvem os membros de várias gerações, estando muito mais presentes aspectos indicativos de uma relação de obrigações morais entre pais e filhos e mesmo entre aqueles e seus netos (Cabral, 2001, p. 30).

Nesse sentido, o estudo de uma coorte de idosos, como aqui se propõe exige situar a coorte e as gerações em relação.

O conceito de coorte se refere a todos aqueles que nasceram num certo ano, ou arcos de ano. Por analogia, fala-se também de coorte matrimonial, ou de trabalhadores, ou escolar, etc, indicando aqueles que iniciaram uma determinada experiência no mesmo período. O termo geração, por sua vez, refere-se à posição nas relações familiares: filhos, pais, avós, bisavós pertencem a gerações diferentes. No interior de uma mesma geração podem existir coortes diferentes, na medida em que podem incluir um arco de idades por cerca de vinte e cinco anos (Saraceno, 1997, p. 159).

Para Rossi (1980), a situação é tão nova a essa coorte de idosos e às pessoas que dela fazem parte são tão diversificadas entre si, com experiências históricas e de vida tão distintas, que ainda não se pode dizer que existe uma verdadeira cultura e linguagem própria que as definam. Nas relações familiares e intergeracionais, as expectativas, os limites, os direitos e deveres são continuamente reelaborados e renegociados a todo instante. Entretanto, é preciso ter claro o conceito de geração com o qual se trabalha.

As noções mais comuns remetem as relações familiares aos grupos de idade e às coortes, definidas como sendo os indivíduos que compartilharam uma experiência comum em certo período (Bengtson e Aschenbaum, 1993). Para os autores, uma leitura mais atenta dos conceitos de geração sugere a necessidade de distinção entre coorte ou grupo etário (aqueles indivíduos que nasceram aproximadamente no mesmo momento do tempo cronológico) do termo geração (ordenação descendente dos membros familiares).

O mesmo estudo sugere que há quatro termos principais em uso na análise social e de políticas para definir geração: *a)* geração como uma coorte de idade, operacionalizada como um grupo nascido entre um intervalo de cinco ou dez anos, critério utilizado para análises em nível macrossocial; *b)* geração como uma linha descendente de parentesco, operacionalizada como a sucessão social/biológica e utilizada para análises em nível micro; *c)* geração como geração histórica ou subgrupos de coortes de idade (elites), operacionalizada como um movimento social conduzido por subgrupos etários em níveis macrossociais de análise; e *d)* geração como um grupo de idade operacionalizado por coortes e em nível macrossocial da análise (Bengtson, 1993).

Em quaisquer desses quatro termos, está em questão a reflexão em torno das relações entre os familiares e entre as gerações. Trata-se de uma tarefa instigante e requer os enfoques de diversas áreas do saber, dentre elas a Psicologia, Antropologia e Gerontologia, sob os mais diversos ângulos. Os idosos, nesse contexto, merecem uma atenção especial devido à complexidade das rápidas transformações sociais vigentes, ora aparecendo como figuras condescendentes dentro do sistema familiar, ora criticando e apontando soluções aos conflitos intra-familiares, ou então, sendo considerada indesejável sua participação.

Olhando para os idosos de forma positiva, sua situação frente às constantes transformações sociais, ao expressar, através de suas histórias de vida, sua trajetória individual e de seu grupo, testemunham as revoluções sociais atuais, ao mesmo tempo em que representam em si a permanência de padrões sociais e culturais, mostrando à sociedade a importância dos modelos familiares de um passado não tão distante e servindo como faróis a orientar o comportamento da nova geração, em especial, dos netos e bisnetos.

Em algumas sociedades, como por exemplo, a sociedade angolana hoje (André, 2003), percebe-se que entre os povos de tradição Kimbundu, os papéis desempenhados pelos velhos durante o período colonial africano (1482-1975) vem mudando de sentido e significado. No passado, os velhos representavam, para sua comunidade como um todo, na maioria dos casos, o orgulho por parte de seus netos e da família em geral. Os velhos eram responsáveis pela administração da medicação confeccionada com ervas e raízes, diferenciando as venenosas das medicamentosas e eram conhecedores das leis da natureza e das regras tradicionais da comunidade. Naquela época, havia uma atmosfera de harmonia, baseada na confiança, com toques de dignidade atribuída, pelos mais jovens aos idosos. Nesse sentido, o desempenho do papel de avô pressupunha que:

Não perde uma ocasião favorável para aumentar ou transmitir os conhecimentos aos seus netos. Nas suas caminhadas em busca de caça, ou nas proximidades da corrente de água doce de onde retira o peixe ambicionado, sempre aproveita a oportunidade para ensinar o neto: a distinguir os animais pelos seus cantos, vozes, rastos e os lugares nos quais, normalmente, se recolhem (André, 2003, p. 144).

Contudo, salvo algumas exceções constatadas em grupos sociais específicos, nem sempre é isso que se apresenta como rotina, mesmo entre os grupos Kimbundu do presente. Segundo André (2003, p. 153), *“a posição econômica em que Angola se encontra hoje constitui fator determinante na mudança de papéis atribuídos aos velhos”*, muitos dos quais em abandono na casa de asilo O Beiral de Luanda. Persiste, contudo, segundo André, como de grande relevo em Angola, o papel do velho na família.

Não é mais comum encontrar velhos poderosos, sábios e respeitados. Na maioria dos grupos inseridos nas ditas sociedades modernas, os velhos vivem à margem. No caso das sociedades industrializadas e desenvolvidas, contextos como aposentadoria os afastam do mundo competitivo do trabalho e os transformam em suportes econômicos da família, provedores e cuidadores dos mais novos, seus netos.

Nos dias atuais, portanto, nas sociedades modernas e, em especial, na sociedade ocidental, está em questão o contato a que todos, teoricamente, teriam o direito de ter com filhos, netos e bisnetos, sobrinhos, filhos dos sobrinhos, sobrinhos-netos, enfim, no aconchego de um lar onde quer que fosse tratado com respeito.

O que se observa como resultado de vários estudos é que as relações familiares e intergeracionais muitas vezes permanecem estereotipadas em cenas em que ao velho é destinado o papel de contador de histórias contidas nos livros infantis, geralmente nas férias escolares das crianças. Para Lopes, Neri e Park (2005), os avós idosos presentes no imaginário de adultos e crianças também sofreram alterações e estes tendem hoje a desempenhar papéis não apenas de contadores de histórias, como a personagem Dona Benta, em *O Sítio do Pica-pau-amarelo*, de Monteiro Lobato (1993).

Contudo, passaram a exercer papéis ativos de pais e provedores. Assim, nem sempre existe tempo livre e momentos de aconchego em que os avós podem ter espaços de convivência para a transmissão de conhecimentos, seja via narrativa dos contos ou simplesmente conversar livremente com os mais jovens.

Por outro lado, preocupados em participar cada vez mais do mundo dos netos, os avós estão se modernizando. Aprendem a manusear aparelhos de DVD, computadores e até videogames. O relacionamento entre avós e netos pode acontecer de diversas maneiras, desde encontros esporádicos até a convivência diária. Atualmente, é crescente a ocorrência de avós que não representam apenas o papel social de avós, mas que precisam ser responsáveis pela criação e educação de seus netos, exercendo o papel de pais.

Nessa situação, os avós são denominados “cuidadores voluntários” ou “involuntários”. No caso dos cuidadores voluntários, os responsáveis pela criança não têm limitações para criá-la, ainda que os avós se sintam pressionados a exercer esse papel, como

no caso em que os pais precisam trabalhar e não têm com quem deixá-los. Os cuidadores involuntários assumem a responsabilidade pela criação dos pequenos em casos de morte dos pais, prisão ou algum outro problema, tendo muitas vezes a responsabilidade legal por seus netos.

Em geral, esses cuidadores podem sofrer mais que os outros avós, principalmente com problemas de saúde tais como estresse e depressão, devido aos desafios decorrentes da responsabilidade de educar os netos como se fossem pais. O papel desempenhado pelos idosos no contexto familiar parece gerar uma rede de apoio muito forte na sociedade contemporânea.

Segundo Uhlenberg (1995), mudanças demográficas alteram em muito a estrutura das relações intergeracionais. Tendo em vista que há mais velhos na população, os quais tendem a ser mais longevos a cada dia, abrem-se possibilidades para que relações entre estes e indivíduos de outras gerações sejam mais comuns e estendam-se por mais tempo. E essas alterações na configuração familiar, para Schaie e Willis (1996), fazem com que exista uma tendência à verticalização da estrutura familiar, com maior convivência entre um maior número de gerações, ainda que, cada vez mais, sejam estas compostas por um menor número de pessoas.

Os autores Newman e Smith (1997) ressaltam que as raízes do conceito de intergeracionalidade estão nas relações estabelecidas entre membros de diferentes gerações dentro da família, sendo esta considerada uma espécie de matriz das relações intergeracionais. O aspecto que mais chama a atenção nas relações entre gerações refere-se ao suporte intergeracional, tendo em vista que as expectativas sociais em relação ao cuidado de seus membros – jovens ou velhos – recaem sobre a família. De modo geral, há um intercâmbio de suporte entre as gerações.

Entretanto, o que se vê atualmente são relacionamentos ocorrendo entremeados pelas exigências da vida moderna, em que todos têm horários rígidos a cumprir, compromissos inadiáveis, cronogramas de atividades diárias e isto se estende, também, às crianças de uma cidade como Campinas, em que muitas lidam com exigências modernas de atendimento aos eventos, como aulas e atividades extracurriculares como esportes, música, reforços pedagógicos.

As questões referentes à transmissão de valores e também à influência que os idosos exercem no desenvolvimento, educação ou convivência com os jovens é parte de relações que beneficiam tanto às crianças quanto os idosos (Yamaguchi e Silverstein, 2003) e ainda, podem ser denominadas de co-educação (Oliveira, 1999). Um dos grandes méritos do processo co-educativo é a compreensão que as crianças desenvolvem dos idosos como indivíduos com muito ainda a transmitir para as próximas gerações e desenvolvidas pelos mais velhos com as crianças, como aqueles que compartilham o aprendizado com os mais velhos.

Uma das principais razões para esta e outras preocupações nos estudos da Gerontologia no Brasil é o aumento da expectativa de vida das pessoas, aliada às transformações ocorridas nas configurações familiares, como por exemplo, o retorno dos filhos divorciados aos lares dos pais (acompanhados por crianças ou não), ou até a própria dependência emocional e financeira dos filhos para com seus pais idosos. Em muitos lares, a aposentadoria dos velhos é a única fonte de renda fixa e segura para toda a família. E isso se dá em todas as camadas sociais, conforme os trabalhos realizados por Lins de Barros (1987).

Nos eventos envolvendo crianças, estas situações por si só acabam por atraí-las ao convívio dos idosos, facilitando, agregando e promovendo nesse novo contexto, o relacionamento de gerações que apresentam pontos em comum. Talvez as crianças consigam relacionar-se com os velhos sem as barreiras do preconceito em relação à velhice. Segundo Bosi (1994), as duas gerações conversam de igual para igual, porém em um ritmo próprio e singular.

Para Souza (1999), o contato intergeracional propicia o exercício de uma prática educativa e a transmissão cultural através do próprio exemplo de vida dos idosos e, também, do relato oral. A criança no convívio com os mais velhos aprende a observá-los, principalmente a seus comportamentos frente às mais variadas situações, como por exemplo, nas práticas religiosas, aprendendo assim, no decorrer do tempo, crenças e atitudes perante a vida.

Quando têm oportunidade propícia a essa convivência, os netos observam atentamente o comportamento dos avós. Podem encontrar em suas casas fotografias, objetos, histórias de seus antepassados, sua origem e suas raízes. Os pequenos podem reconhecer sua estrutura familiar, seus membros e se sentirem pertencendo a um grupo de pessoas que possuem algo que as unem, como laços de sangue ou afinidade. Por parte dos idosos, segundo Lins de Barros:

Assim podemos ver que para os idosos há uma diferença fundamental entre eles e seus próprios filhos. Os avós constroem, a partir das narrativas de lembranças, um passado familiar com seus filhos pequenos onde prevalecia a autoridade. Esta percepção só consegue se dar, na medida em que podem, hoje, experimentar outro aspecto da vida familiar, igualmente fundamental para sua constituição, o afeto que dedicam a seus netos (Lins de Barros, 1987, p. 52).

A própria experiência de ser avô pode despertar nos idosos certa visão crítica sobre sua própria educação. Acabam se criticando porque muitas vezes foram mais autoritários do que afetivos com seus filhos. Hoje relatam serem mais solicitados pelos filhos para o auxílio na educação dos netos, cuidando deles muitas vezes quando os filhos saem para trabalhar ou até mesmo nos casos de separação dos casais. Os avós sentem-se responsáveis por ensinar aos seus filhos a como serem bons pais, mantendo e reforçando com essa atitude, sua posição dentro da família enquanto referenciais na manutenção e na permanência do valor e tradição própria a seu grupo familiar.

Como em todas as fases do desenvolvimento humano, na velhice também podem existir ganhos e recompensas e estes estão relacionados a uma capacidade de estabelecer prioridades, isto é, o idoso se torna mais seletivo nas experiências sociais, escolhe mais atentamente as pessoas com as quais ele quer se relacionar ou não, adquirindo uma compreensão ampla, realista e objetiva da própria existência.

Para Carstensen (1995), os idosos se engajam em um processo de seleção de relações sociais significativas para eles e investem mais nas relações interpessoais que envolvem proximidade afetiva, descartando relações que não são importantes ou

perturbadoras para seu bem estar emocional. A Teoria da Seletividade Socioemocional (TSS) sugere que as emoções são mais bem reguladas à medida que as pessoas ficam mais velhas, o que proporcionaria, então, maior bem-estar.

Pode-se considerar que tal bem-estar envolve diferentes componentes: afetos positivos, (ausência de) afetos negativos e satisfação com a vida de forma geral. As pessoas mais velhas tenderiam a maximizar os afetos positivos e a minimizar os negativos, o que se daria mediante a adaptação aos eventos da vida e as alterações vivenciadas em contextos sociais.

Ainda segundo Carstensen (1995), pessoas mais velhas, através dos anos de experiência passam a identificar quais os tipos de evento externo aumentam e diminuem suas emoções positivas e negativas, tornando possível selecionar pessoas e situações que minimizem as emoções negativas e maximizem as positivas. Isso proporcionaria aos idosos equilíbrio de afetos e levaria a um sentimento maior de satisfação em relação à vida. A autora revela que, no envelhecimento, a regulação dos estados emocionais assume maior importância entre as metas instrumentais inerentes à interação social.

As características do indivíduo e da situação influenciam o número, a natureza e os tipos de relações sociais, que por sua vez interferem no bem estar e na saúde global das pessoas. Por essa razão, Neri (1995) afirma que:

Velhice bem-sucedida é “uma condição individual e grupal de bem-estar físico e social, referenciada aos ideais da sociedade, às condições e aos valores existentes no ambiente em que o indivíduo envelhece, e às circunstâncias de sua história pessoal e de seu grupo etário (Neri, 1995, p. 34).

Por tudo isso, o *comboio de relações sociais* de que falam Kahn e Antonucci (1980) e ainda, a TSS (Carstensen, 1995), apontam para o fato de que durante toda a vida, o indivíduo tende a manter estável o tamanho da rede social, assim como o grau de importância de seus componentes.

Segundo Kahan e Antonucci (1980), as redes de suporte social desenvolvem-se ao longo da vida como resultado de experiências, expectativas e significados relativos aos vários tipos de relação em que a pessoa se envolve. Elas são hierarquizadas e nos seus

diversos níveis incluem-se os membros da família, os amigos, o cônjuge, os companheiros de trabalho e os profissionais com que cada pessoa se relaciona no curso de vida e em momentos específicos dela.

Vários estudos têm mostrado a importância das relações sociais na velhice, tanto no ambiente familiar quanto no ambiente comunitário, associando-se a isso os princípios de bem-estar, sendo que o termo relações sociais é definido na literatura como o amplo arranjo de fatores e interações pessoais que caracterizam as trocas sociais (Antonucci, 2001), descrevendo os indivíduos com as quais se mantém relações interpessoais, e podem ser descritas de diversas formas, com associações de fatores como frequência de contato, idade, gênero, e outras.

Dentre tudo que ambas as teorias (comboio, TSS) apontam destaca-se o fato de que as funções psicológicas básicas do contato social não mudam no curso da vida, mas as influências sociais e físicas operam diferentemente nas escolhas que as pessoas fazem. Assim, a frequência da interação com familiares e velhos amigos não muda muito ao longo da vida, uma vez que ela gera experiência emocional positiva e aumenta sentimentos de segurança e auto-valorização. Por essa razão, a visão de que os idosos são mais seletivos em suas escolhas dos parceiros sociais ajuda a entender os efeitos limitados das intervenções direcionadas ao aumento de interações vivenciadas no curso da vida.

O idoso sabe que, mesmo tendo uma rica fonte de saberes acumulados dentro de si e, mesmo ansiando por transmitir às gerações futuras suas experiências, precisa competir com outras formas de instituições também detentoras do saber: escolas, televisão, livros e internet. As contribuições dos idosos aos mais jovens foram atravessadas pela modernidade e a convivência entre as gerações também sofreu alterações. Hoje se pode ver idosos participando de programas de inclusão digital para terem assuntos a discutir com os netos, por exemplo, sendo que a informática até pouco tempo atrás era domínio dos mais jovens. Está havendo uma remodelação dos padrões de comportamento de muitos avôs, em busca de garantir o convívio entre gerações.

Para Sommerhalder e Nogueira (2000), o ciclo de vida individual dos idosos ocorre dentro do ciclo de vida familiar e é a base primária para o desenvolvimento humano e construção de uma identidade social. Os integrantes do grupo familiar se movimentam

juntos através da vida. Seus atos não são isolados, mas antes de tudo, produzem “ressonância” nos demais.

Segundo essas autoras, novas formas de união conjugal têm determinado transformações nas configurações familiares modernas. Somente os mais velhos têm dentro de si referenciais de família que trazem de seu passado, mas nem sempre isso é suficiente para acompanhar as mudanças da vida moderna, devendo ser o diálogo o caminho mais curto entre as gerações separadas por bruscas mudanças em seus referenciais de conduta.

Nesse sentido, a cultura das avós idosas nipo-brasileiras herdada de seus antepassados japoneses atua como um constructo determinante na relação com seu meio ambiente e nas relações intergeracionais no ambiente familiar e de comunidade.

De acordo com Chick (1997), existem atualmente muitas definições de cultura no âmbito científico: a cultura entendida como conhecimentos, crenças, idéias, valores, enfim, algo que está na cabeça das pessoas das diferentes sociedades; a cultura entendida como padrões de comportamento distintivos de sociedades particulares; a cultura como expressões materiais e comportamentais dos membros de uma sociedade; e a cultura como um sistema de informação compartilhada pelo grupo.

Independentemente da diversidade de definições sobre o termo, a cultura oferece um sistema de significados compartilhados por meio dos quais a pessoa internaliza valores culturais necessários para o desenvolvimento de competências adaptativas.

Para Super e Harkness (1999), o elemento mais importante da cultura em relação ao desenvolvimento humano é, portanto, o fato de ela constituir-se em uma realidade imediata, presente e compartilhada pelos membros de uma comunidade, possuindo potencial para permear todas as experiências e comportamentos das pessoas. Para esses autores, as pessoas constroem o ambiente por meio dos costumes, dos comportamentos, das situações, das crenças e dos valores, indicando que um determinado ambiente é formado por uma estrutura sistemática estática e ao mesmo tempo dinâmica.

É nesse contexto que se busca compreender, dentro do ambiente familiar ou de comunidade, os aspectos subjetivos que, sem serem necessariamente tangíveis, têm a capacidade de mudar as trajetórias do desenvolvimento do indivíduo e do ambiente, ao

longo do tempo. Alguns exemplos destes aspectos subjetivos, no contexto da cultura das avós nipo-brasileiras em Campinas, parecem resultar do código de comunicação que é estabelecido para entrar em contato com o seu meio, com os símbolos que medeiam o comportamento social e as regras implícitas e explícitas que organizam as interações entre as pessoas, em contextos específicos.

Assume-se, portanto, que as relações entre gerações têm seu valor à medida que as pessoas idosas transmitem e podem transmitir sua herança cultural, dando continuidade aos valores culturais, às crenças positivas em relação ao curso da vida, nas ideologias e nos comportamentos de uma determinada sociedade.

Para refletir sobre esses problemas, esse trabalho se utiliza de um recorte de vida de cinco idosas pertencentes a famílias nipo-brasileiras na cidade de Campinas, optando-se por uma pesquisa qualitativa que, mesmo sabendo-se ser pouco abrangente, ofereceu condições para que se pudesse adentrar a vida privada das entrevistadas, através de alguns questionamentos sobre como vivenciam a experiência de suas famílias “abrasileirando-se” a cada dia, e de como elas, tendo sofrido as ações históricas do período da imigração, lidam agora com a experiência do envelhecimento e suas demandas de adaptação.

A indagação inicial recaiu sobre o peso que a tradição japonesa parece ter nas famílias nipo-brasileiras e no como as idosas lidam com isso, já que cronologicamente são a ponte entre um passado remoto e um presente rápido em transformações, em que a assimilação dos valores da sociedade inclusiva afeta o desenvolvimento das gerações que nasceram e cresceram no Brasil.

O que aqui resulta teve como enfoque essencial o papel e o impacto que essas transformações tiveram e têm na vida de cinco idosas, avós japonesas. Desde o início, o presente trabalho considerou que não existiriam uniformidades em suas vivências, mas, estas poderiam proporcionar muitas questões a serem levantadas e refletidas, já que os grupos familiares se desenvolvem de forma desigual, dependendo das experiências críticas por que passam ao longo de seu curso de vida. Foi possível, assim, assinalar algumas tendências desse processo, compreender como alguns idosos pertencentes a uma minoria étnica lidam com suas memórias sobre o passado e o como estão hoje lutando em seu meio para se adaptar e viver uma velhice com relativa qualidade de vida.

OBJETIVOS

Este estudo tem por objetivo geral identificar, a partir de cinco mulheres idosas e avós, nascidas no Japão nos anos compreendidos entre 1923 a 1933, seus padrões de compreensão das relações intergeracionais e familiares, bem como seu papel na família urbana campineira nipo-brasileira no momento atual, tomando-se como base o paradigma do desenvolvimento humano ao longo da vida e como referencial metodológico a utilização de relatos orais.

Como objetivo específico tem por finalidade verificar o papel que a preservação e a manutenção da cultura japonesa, dentro do ambiente familiar e do comunitário exercem na vida dessas idosas e sua importância em relação ao seu processo de envelhecimento.

Se os mais velhos têm dentro de si referenciais de família que trazem de seu passado, interessa, ainda, saber se os mesmos se objetivam diante das mudanças do tempo presente, de modo a estabelecer o diálogo entre as gerações, separadas por bruscas mudanças em seus referenciais de conduta.

MÉTODO

A possibilidade de incluir histórias de vida (Meihy, 1996) e depoimentos pessoais (Queiroz, 1988), entre outras formas de compreender a maneira como determinados grupos sociais vivenciam seu próprio envelhecimento, em diferentes contextos sociais, culturais e históricos, foi aqui, o ponto inicial do caminho percorrido pela pesquisa.

A contribuição do uso dos relatos orais se deve ao fato, de que diferentes histórias de vida pautam-se no pressuposto de que o envelhecimento é uma experiência diversificada, sujeita às influências do meio ambiente, embora semelhante em termos do processo biológico do envelhecer, independentemente da cultura na qual o indivíduo possa estar inserido. Os relatos são importantes, na medida em que mostram como cada pessoa vê seu processo de desenvolvimento ao longo dos anos, assim, como se sente dentro de contextos específicos e, também, em desenvolvimento.

Os relatos orais das mulheres idosas pesquisadas focalizam um recorte da vida em família, lançando luz sobre seus relacionamentos no ambiente doméstico e no ambiente comunitário. Conhecer suas histórias foi possível por meio de entrevistas semi-estruturadas, com questionário previamente elaborado, cujos dados geraram grande riqueza de informações a respeito da situação nas famílias e em seus contatos intergeracionais.

Assim como outras, essa metodologia demanda do pesquisador um trabalho árduo, complexo, paciente e imbuído de respeito, sensibilidade e empatia. Demanda um contrato psicológico e silencioso entre ambos, regados por confiança mútua. O uso adequado dos relatos, bem como o retorno do resultado da pesquisa aquele que contribuiu voluntariamente para seus objetivos devem ser uma preocupação importante para o pesquisador. Como diz Meihy (1996):

Um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, como o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência de depoimentos, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (Meihy, 1996, p. 24).

Nesse trabalho se pretendeu apreender versões particulares, relatadas por mulheres idosas sociologicamente qualificadas e inseridas em dada conjuntura (Lang, Campos e Demartini, 1998), sendo cada narrativa singular (Portelli, 1997). São cinco mulheres residentes em área urbana, em bairros periféricos ao centro da cidade, possuem boa renda financeira e apoio material quanto ao atendimento às suas necessidades básicas, como assistência médica particular, por exemplo.

Assim, através da revisão de possíveis instrumentos de coleta de dados existentes para a escolha dos métodos que poderiam atender aos objetivos deste estudo, chegou-se às seguintes posturas descritas a seguir como parte dessa pesquisa.

Participantes

Com o objetivo de verificar o papel que a preservação e a manutenção da cultura japonesa exercem na vida das idosas dentro do ambiente familiar e do comunitário, e ainda, sua importância em relação ao seu processo de envelhecimento como mecanismo que amplia e aprofunda o conhecimento existente, esta pesquisa pode ser considerada de **natureza exploratória**.

Tal definição seguiu por orientação de Marconi e Lakatos (1996) que ao discutirem os diversos tipos de pesquisa de campo, afirmam que as exploratórias tem como finalidade aprofundar o conhecimento do pesquisador sobre o assunto estudado. Pode ser usada para facilitar a elaboração de um questionário ou para servir de base a uma futura pesquisa, ajudando a formular hipóteses, ou na formulação mais precisa dos problemas de pesquisa (Mattar, 1996). Também visa clarificar conceitos, ajudar no delineamento do projeto final da pesquisa e estudar pesquisas semelhantes, verificando os seus métodos e resultados. Como método de coleta de dados, utiliza questionários, entrevistas, observação participante, etc.

Assim, a pesquisa de campo foi realizada após estudo bibliográfico para aprofundamento sobre o assunto, no qual definiu-se os objetivos da pesquisa, as hipóteses, o meio de coleta de dados, o tamanho da amostra e como os dados seriam tabulados e analisados. Entrevistas com base em um roteiro (anexo 3) foram o principal recurso. Nesse

sentido, as mesmas foram realizadas no interior das residências das idosas e o ambiente de convívio comunitário restringiu-se à participação delas nas atividades culturais e sociais do Instituto Cultural Nipo-Brasileiro de Campinas (ICNBC), uma das associações nipo-brasileiras da cidade de Campinas, dentre outras.

O procedimento para a seleção das cinco idosas se deu pelo critério de escolha de **amostra intencional** (Marconi e Lakatos, 1996; Oliveira, 1997), em que os sujeitos, as idosas, foram intencionalmente escolhidos pela pesquisadora, com o auxílio da Diretora Cultural do Instituto Cultural Nipo-Brasileiro de Campinas (ICNBC), Sra Maria Katsuko Kobayashi, que localizou as mulheres que poderiam participar dessa pesquisa, por atenderem aos critérios de inclusão exigidos previamente.

A diretora do ICNBC se disponibilizou gentilmente em contribuir verificando junto com a pesquisadora, os nomes de todos os idosos associados e reconhecendo homens e mulheres (os nomes de origem japonesa nem sempre são facilmente identificados devido à questão de gênero), no interior do grupo.

O ICNBC contava, na época da escolha da amostra, com um universo de 167 idosos associados, os quais necessariamente constavam no livro de registros dos sócios atuantes na instituição, caracterizando-os por nome, endereço completo e telefone, sendo que esse material permanece constantemente na secretaria da associação. Desse total de membros idosos, 119 eram de mulheres. Dentre esse grupo de mulheres, ainda com a ajuda da diretora da associação, foi possível localizar as mulheres. Os critérios de inclusão assumidos por esse estudo foram:

- As idosas nascidas no Japão entre 1923 e 1933, portanto japonesas, trazidas por seus pais, contratados pelo governo brasileiro.
- Ocupação: indiferente.
- Escolaridade: indiferente.
- Que convivessem com familiares (não fossem institucionalizadas).

- Residentes em Campinas.
- Fisicamente ativas, ou seja, que não estivessem acamadas ou com problemas de funcionalidade.
- Cognitivamente íntegras.
- Que falassem e entendessem a língua portuguesa.

Um total de oito mulheres atendeu aos critérios propostos, mas somente cinco dispuseram-se voluntariamente a contribuir com a pesquisa. Uma idosa se recusou a atender ao chamado telefônico, a segunda disse não ter tempo para participar e a terceira desligou o telefone sem dar maiores explicações. Somente cinco idosas se voluntariaram de bom grado a atender ao chamado da pesquisadora. Nesse sentido, a amostra é do tipo intencional.

Em uma pesquisa exploratória, como esta, podem ser utilizados questionários, entrevistas, observação participante para a coleta de dados, bem como a análise pode se valer de técnicas de análise de discurso, de conteúdo e outras. Segundo Oliveira (1997), a escolha do método e técnica utilizada depende do objetivo da pesquisa, dos recursos financeiros disponíveis, da equipe e dos elementos no campo da investigação. Neste caso, inexistiu uma equipe de trabalho, sendo a pesquisa conduzida apenas por uma pesquisadora, que se valeu do uso de entrevista como base da coleta de dados, bem como fez da participação do espaço associativo – o ICNBC – o *locus* principal da pesquisa, mas não só.

Dentre os vários tipos de entrevistas (Marconi e Lakatos, 1996), e a forma de sua condução (Mattar, 1996), neste trabalho optou-se pela entrevista pessoal, realizada nas residências das avós selecionadas que aceitaram dela participar.

Procedimentos

Após o primeiro contato telefônico, a pesquisadora agendou a primeira visita. Os contatos iniciais, antecedentes às gravações propriamente ditas, fizeram parte de uma estratégia de aproximação, pois era necessário que houvesse confiança mútua entre a

pesquisadora e as cinco mulheres envolvidas no processo de coleta dos depoimentos. Esse contato se deu nas atividades culturais do Nipo, ao longo dos anos de 2006 e 2007.

Segundo Bosi (1995) é necessário que o pesquisador sofra de maneira irreversível o destino dos sujeitos observados, criando “*um vínculo de amizade e confiança com os recordadores*” (p. 37). A partir de uma postura de entrega, expressa prática e teoricamente pelos sujeitos envolvidos (pesquisador e narradores), formam uma “comunidade de destino”, criando as condições para que “*se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana*” (Bosi, 1995, p.38).

Assim, a pesquisa é parte de uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, tendo como universo a população de avós idosas moradoras na área urbana de Campinas, freqüentadoras e participantes ativas das atividades sócio-culturais no ICNBC e que se dispuseram por livre e espontânea vontade em contribuir com seu tempo às informações solicitadas pela pesquisadora,

A caracterização de perfil das idosas participantes se deu por meio de uma Ficha do Informante (Anexo 4), em que constam informações como o nome, data de nascimento, escolaridade, profissão e ocupação dos pais, escolaridade dos antepassados e outras informações necessárias. Contou, ainda, com parte das informações colhidas através das entrevistas.

Questões éticas/consentimento

Todas as idosas participantes concordaram livre e espontaneamente, em conceder seus relatos à pesquisadora, assinando, inclusive, um termo de consentimento (Anexo 1). O primeiro passo, contudo, para realizar as entrevistas foi o contato telefônico, cujos números foram obtidos no livro de registros de todos os idosos membros do ICNBC na secretaria da instituição. Nesse contato, a pesquisadora informou a razão da pesquisa para a própria pessoa a ser entrevistada, bem como seus objetivos e importância para os estudos a respeito do envelhecimento humano e também, da importância das mulheres nipo-brasileiras na comunidade e no interior de suas famílias.

Após o consentimento da voluntária em participar das entrevistas gravadas, a pesquisadora agendou a visita à residência. No dia marcado para tal, explicou novamente o procedimento, solicitou a assinatura do Termo Livre e Esclarecido e do Termo para a Autorização da Gravação do diálogo, sendo então, realizadas uma sessão de entrevista com cada participante, com duração média de trinta minutos a uma hora cada uma. E esse procedimento se sucedeu com todas as cinco avós envolvidas na pesquisa.

Roteiro de entrevistas

Essa pesquisa utilizou-se de entrevistas semi-abertas, estruturadas em torno dos seguintes tópicos: como eram as relações entre as gerações na infância do idoso; como são as relações entre as gerações nos dias atuais; como as idosas se vêem na configuração familiar; se existem conflitos entre as gerações, e ainda, se educou os filhos segundo a tradição japonesa, visando com isso a preservação da cultura. Buscou-se, assim, relatos específicos das participantes, segundo o roteiro previamente elaborado (anexo 3).

Análise dos dados

Assim, após a realização da coleta de dados, por meio das entrevistas, a pesquisadora transcreveu literalmente as informações constantes nas gravações. Depois procedeu à transcrição do registro literal, transformando-o em um texto isento de erros de concordância verbal ou gramatical das entrevistadas, para que se tivesse um registro claro do que foi dito na gravação.

O trabalho de transcrição dos relatos orais gravados em fita K-7 foi realizado pela própria pesquisadora, sendo que, a partir dos mesmos, organizou-se uma breve biografia de cada idosa entrevistada, situando a mesma dentro do contexto histórico de sua trajetória de vida. Com esses dados foi possível caracterizar a importância das pesquisadas, bem como as características de cada uma, de modo a saber quem ela é, sua idade, momento de chegada ao Brasil, etc, constituindo assim, um perfil das mulheres entrevistadas.

A análise dos dados se deu por meio da organização dos resultados das entrevistas por temas, comparando as informações e abordagens resultantes da bibliografia, das leituras e dos contatos realizados, com a versão fornecida pelas diferentes informantes.

Nessa comparação apareceram confirmações, negações, novos dados e novas maneiras de enfocar a realidade que foram interpretados tendo como pano de fundo o contexto social mais amplo em que os fatos aconteceram, contexto esse fornecido pela bibliografia de apoio utilizada na pesquisa.

Os dados constantes nos depoimentos foram fichados e catalogados por grandes temas. Esses temas foram aqueles constantes do roteiro orientador acrescidos de outros, muitas vezes inesperados e originais, introduzidos pelas próprias informantes e incorporados ao roteiro inicial proposto, considerando sempre que os valores e a memória, assim como a tomada de consciência durante a entrevista, são representativos da história dos sujeitos, levando em conta as dimensões culturais, educacionais e sociais em que os mesmos estão inseridos.

Os temas derivados, por sua vez, são tratados aqui, no interior de duas grandes temáticas:

1) Relações intergeracionais e a posição do idoso na família.

A infância das idosas: o contexto da imigração.

Como as idosas se vêem na configuração familiar atual.

Relações intergeracionais nos dias atuais e a educação de filhos.

A existência de conflitos entre as gerações.

2) O ICBNC: além da família.

Nessa fase, a pesquisadora leu o texto das entrevistas seguidas vezes para ser capaz de definir os diferentes temas que as informantes abordavam em suas falas. Esses temas foram anotados nas margens do texto que depois, via computador, foram transformados em vários arquivos temáticos.

Os diferentes trechos compuseram parte de um arquivo contendo o tema e anotado, antes de cada trecho incorporado, o nome da informante e a página da entrevista de onde ele foi retirado. Para realizar essa organização seguiu-se a ordem de realização das entrevistas, aparecendo em cada arquivo as falas da 1ª, 2ª, 4ª, 4ª e 5ª entrevistadas na ordem

em que foram coletadas. Um mesmo trecho de entrevista continha informações interessando a um ou a mais arquivos temáticos. O trecho constou de cada um dos diferentes arquivos para poder ser analisado sob diferentes enfoques.

Utilizou-se, então, o recurso da palavra-chave (de cada um dos temas) para fazer a busca no texto já computadorizado. A escolha da palavra chave foi de importância fundamental, pois ela espelhou, da melhor forma possível, o tema constante no arquivo.

Os temas ordenadores apontaram para a perspectiva de Kreppner (2000), de que os estudos de família devem considerar, não somente seu importante papel na proteção do funcionamento biológico e à sobrevivência da espécie, mas também à manutenção e à transmissão de valores, tradições e significados culturais. Com esse pressuposto se encaminhou a análise dos dados, tendo em conta, o primeiro material sistematizado, o perfil das avós entrevistadas.

Perfil das avós entrevistadas

No quadro das avós entrevistadas e seus perfis que se apresenta abaixo, já se colocam parte das informações colhidas em campo e que se destinam a compreender suas falas no corpo da análise dos dados. Seus perfis apresentam-se aqui, como recurso de localização e reconhecimento dos sujeitos pesquisados. As identificações das avós nipo-brasileiras aparecem somente com as iniciais dos nomes, visando a preservação e o sigilo de suas identidades, conforme acordo relativo ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2).

Avó 1: A.T.O.

A.T.O., 78 anos de idade, entrevistada em 12/02/2008.

País de origem: Japão

Chegada ao Brasil: com dois meses de idade

Estado civil: casada

Com quem mora: marido e cunhada viúva

Profissão: dona de casa

Escolaridade: está cursando o Supletivo

“Eu gosto muito de plantas, gosto de verduras, eu tenho chácara. Então levanto cedo, vou todo dia. Meu marido levanta às cinco e meia. Vai todo dia. Depois eu levanto também. Enquanto ela vai buscar pão na padaria eu faço café e logo depois que ele vai à chácara eu também vou. Eu vou de ônibus. Agora quando chove eu não vou. Eu tenho bastante flores”.

A entrevista concedida na residência dessa avó, foi realizada com muita receptividade, por ela e por sua cunhada viúva, de setenta e sete anos, também presente no momento. Ambas são japonesas e moram juntas, além do marido da avó A. Ela veio ainda pequena do Japão com seus pais e se lembra com riqueza de detalhes o processo de imigração vivenciado por eles e os agradece pelo fato de ter sido sempre educada conforme as crenças e ideais do povo japonês.

Sua casa simples, no centro da cidade, é repleta de objetos que lembram o Japão em forma de quadros, artesanatos e bonecas. Casou-se no ano de 1961, também com um japonês que residia no Brasil e juntos tiveram três filhos homens. O mais velho mora no Recife e é o único que se casou com uma brasileira.

“Bom, não tem nada, só passa costume brasileiro, mas meu filho só costume japonês. Ela teve que aprender a cozinhar. Mas eles não tem filhos. Mas ela come comida japonesa. Aqui família japonesa, casou com japonês, tem que entrar na família japonesa. Por que aqui o arroz a gente cozinha na panela própria, sem tempero, só que mistura é tudo igual, verdura é tudo igual, é mais o gorrão que é diferente. Ata quando tem churrasco o arroz é diferente, oniguiri”.

O filho caçula mora ao lado de sua casa e seus netos transitam livremente entre as duas residências. E o segundo filho está no Japão há dezoito anos e somente telefona. A avó A. se refere com muito orgulho a esse filho e se diz feliz pelos três netos estudarem lá e receberem educação formal japonesa, que segundo ela, é muito melhor que a brasileira.

Esta avó trabalha na venda e divulgação de alguns produtos naturais e rejuvenescedores e ainda estuda à noite. Diz que sua força e juventude vem desses produtos que ingere diariamente com certa satisfação e alegria.

Avó 2: S.K.O.

S.K.O., 78 anos, entrevistada em 13/02/2008.

País de origem: Japão

Chegada ao Brasil: com três anos de idade.

Estado civil: viúva

Com quem mora: filho divorciado

Profissão: dona de casa

Escolaridade: primária

“A filha é casada, mora lá no centro. Essa aí tá complicado. Casou com brasileiro. Eu tenho essa casa que ela tá morando é minha, e como eu estou pagando aluguel aqui, eu queria vender minha casa e repartir, mas não há meio dela sair nem vender. Ela mora com o marido que é muito ruim”.

A avó S. vive uma situação social muito delicada, que por sua vez foge um pouco ao estereótipo da avó japonesa rodeada de imagens e objetos japoneses, lembranças da infância sofrida nas fazendas de café do início do século XX e guardiã da cultura de seus ancestrais.

Devido a um acontecimento recente, essa idosa saiu de sua própria casa onde, viúva, recebeu a filha com marido e dois filhos e passou a morar na casa do filho divorciado. Ela enfatizou a todo o momento que os dois se casaram com brasileiros: o filho se separou e segundo ela o marido da filha “é ruim”...

“Depois que meu marido morreu, faz 15 anos, mas como minha filha estava apertada pra dar estudo para as três crianças eu deixei ela morar lá. Mas no final eu não agüentei e saí. Da minha própria casa eu saí. Não dava certo por causa dela e do marido. Eu pagava água luz fone imposto da casa só com a aposentadoria. Sempre deixei em ordem. Depois que eu saí ficou bagunça. Faz quatro anos que está sem pagar imposto. Não são eles que estão com o nome sujo, sou eu. Não me importa se os netos não vem me ver Eu fiz tudo o que podia. Deixei eles morarem lá pra poder acabar de estudar. Agora acabou de estudar e nem aparecem pra dar um alô pra vovó...Nem telefonam. Os três tinham ido para o Japão, mas um voltou e nem veio me ver. Não vão nem ao Nipo”.

Esta avó fica a maior parte do dia sozinha em casa e tem, em um cachorro, sua grande companhia. O filho somente retorna ao lar no período da noite e ela nem sempre participa das atividades do Nipo, pois não tem quem a leve até lá, já que é distante dessa nova casa.

Sua história de vida revela que é realmente uma idosa que recebe cuidados do filho, mas que sente o distanciamento dos netos por conta dos desentendimentos com a filha e genro. Sua maior referência é uma irmã mais velha, também residente em Campinas e que possuía uma “banca” no Mercado Municipal.

Avó 3: H.S.

H.S., 80 anos, entrevistada em 19/02/2008.

País de origem: Japão

Chegada ao Brasil: com cinco anos de idade

Estado civil: viúva

Com quem mora: filha solteira

Profissão: dona de casa

Escolaridade: primária

“Eu gosto muito de viajar e gosto muito de conversar com as amigas, eu gosto muito que venham em casa, eu vou à casa das amigas, é, e gosto muito de ir a Nipo, só este ano que fiquei meio afastada do Nipo, gosto muito de plantas, gosto de casa enfeitada com plantas, agora eu tiro tudo, porque tem que limpar a poeira, esses enfeites a minha filha ganha de clientes, ela é médica. Fisiatra trabalha no hospital das clínicas em São Paulo, ela já vai fazer 50 anos. Eu também gosto muito da comida brasileira, gosto de tudo, eu só japonesa mas não ligo muito pra peixe, sashimi eu não como, geralmente gosta muito, mas não ligo pra peixe. Todo dia faço comida brasileira, arroz, feijão, carne de panela, bife, frango e quando quero comer peixe minha filha vai buscar no Frango Assado, lá eles vendem merluza bem fritinha, ela vai comprar...”

A avó H. também mora no centro da cidade e fica a maior parte do dia sozinha, pois sua filha trabalha em São Paulo. Logo no início da entrevista ela relatou o falecimento de seu filho caçula, que deixou esposa e duas filhas bem pequenas. Embora sua nora viúva

tenha se casado com outro homem, essa avó é muito querida e valorizada pelas netas. Visitam-se com frequência e pode-se dizer que sua história de vida fala de uma japonesa que viu o pai feliz quando da chegada ao Brasil. Ele emigrou doente devido ao frio japonês muito intenso, encontrando no Brasil ambiente quente e reparador para sua saúde.

Ao contrário das histórias de vida das outras avós, criadas dentro do modelo japonês de grande austeridade quanto aos costumes e valores, a avó C. relata a preocupação de seu pai em socializar os filhos, de não deixá-los sofrerem discriminação perante os brasileiros daquela época. Entretanto, seu marido foi criado na região noroeste do Estado de São Paulo, onde os japoneses se fechavam em colônias e não se abriam aos brasileiros.

Hoje ela se diz uma japonesa muito brasileira e não tendo hábitos japoneses. Sua casa também tem alguns objetos artesanais que a filha ganha de seus clientes, mas nada que lembre muito o Japão.

Lembra-se, com muitos detalhes, os acontecimentos de sua infância, inclusive o nome do grupo escolar que frequentou em Piracicaba.

Avó 4: M. M. I.

M.M.I., 85 anos, entrevistada em 19/02/2008.

País de origem: Japão

Com quem mora: filho divorciado

Estado civil: viúva

Profissão: dona de casa

Escolaridade: primário

“Quando eu casei meu marido tinha oito irmãos, eu fui morar com eles, mas trabalhei muito em casa, levantava quatro e meia, lavava roupas, fazia comida, e depois ia pra roça, minha sogra não fazia nada, toda sogra japonesa fazia a nora de empregada. Minhas cunhadas se arrumavam de domingo e saíam, eu fazia tudo sozinha, ninguém ajudava...ensaboava a roupa, colocava na grama, eu sofri muito, casei com 23 anos... hoje as sogras são do mesmo jeito, eu sou sogra, mas não sou ruim...colocava meu filho mais velho nas costas e ia pra lavoura. Hoje não dou palpite na vida dos filhos e

netos, porque eu sofri muito não quero repetir novamente. Esse meu filho que casou com a italiana...eu falei pra ele não casar, mas não me ouviu...teve ainda quatro filhos...hoje em dia é muito, mais velho está com vinte e um...os netos são mestiços, mas são inteligentes...”

Sua história demonstra uma vida de muito sofrimento e trabalho braçal na lavoura e em casa, sendo a pele de seu rosto a expressão mais evidente de seus dias expostos ao sol forte, marcado por sulcos profundos misturados às rugas próprias da idade. Ela concedeu a entrevista na residência da avó C, pois alegou que seu apartamento era muito pequeno e não daria para receber a entrevistadora. Veio a pé e rapidamente no horário combinado, demonstrando alegria em participar dessa pesquisa.

Apesar de alguns problemas de memória, segundo ela disse, caminha por tudo sozinha, faz compras e é muito ativa, gostando da companhia das amigas do Nipo.

Também reside com um filho divorciado em um pequeno apartamento no centro de Campinas.

“O filho que mora comigo se separou da mulher brasileira. Ele tem três filhos que moram com a mãe. No total tenho 17 netos. Também, com sete filhos...Como um filho mora comigo os netos vem me ver. Ela é italiana, tem gênio forte, eu não sei, eu não perguntei por que separou, o que aconteceu, não preciso saber, o apto é dele e eu moro junto. Meus netos vêm me visitar. Não sei como se separa com quatro filhos, quatro homens e uma mulher...”

Ela frequenta a reunião do Nipo para idosos e se diz muito feliz naquele ambiente:

“Na semana que vem tem reunião no Meiji-kai, é só para terceira idade, tem um programa lá, aniversário, quando tem aniversário eles dão uma caixa de sabão em pó, por que sabão é mais barato, eles acham que é útil, toda pessoa lava roupa...”

Nessa idade, a avó M. diz ter genros também idosos e que se sente valorizada em sua família, tendo inclusive até uma bisneta. Entretanto, não interfere na vida dos descendentes, pois sofreu muito no início de seu casamento com a influência da sogra e cunhadas.

Avó 5: Y. H.

Y.H., 75 anos, entrevistada em 27/02/2008.

País de origem: Japão

Com quem mora: marido

Estado civil: casada

Profissão: dona de casa

Escolaridade: primário

“Eu queria estudar, tinha trazido na bagagem lápis e caderno do Japão, e quando o patrão chegou disse que ela deveria ir trabalhar porque já tinha idade para isso: “aí não dava pra recusar, né, pedido do patrão, puxar enxada, né, nunca trabalhei, chegar a casa, mamãe fazia tudo, né...não entende. No Japão criança fica dia inteiro na escola, leva lanche, né, bento, aí manda trabalhar, né, então foi trabalhar, o outro irmão foi estudar, não entende...Mesmo moleque da minha idade tava lá, puxando enxada, moreno, né, não preto, mesma idade, tava lá, então acho que trabalhou junto também, não entende, lembro até hoje do rosto, mesmo, nunca vou esquecer, agradeço a ele também”.

A história de vida dessa avó revela certa tristeza ao lembrar sua vinda para o Brasil. Segundo ela, tinha uma vida muito boa no Japão e quando chegou aqui houve muita decepção, tanto para ela como para os pais. Não era o que esperavam encontrar...

É uma avó que recebe a visita dos netos, mas dedica-se muito às atividades culturais do ICBNC e às atividades de seu templo budista. Diz não ter muito tempo para os netos, estando sempre correndo de um lado para outro atendendo aos chamados de sua comunidade.

Sua casa é repleta de objetos de arte japonesa, coisas que trouxe do Japão e um grande altar budista no ponto mais nobre de sua sala, próximo à sacada. Vive com o marido, um líder em sua comunidade, ambos muito solícitos em participar da entrevista e lembrar fatos de sua infância difícil. Ela procura passar costumes e valores japoneses aos filhos e netos, valorizando a educação que recebem os netos residentes no Japão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como revelam os cinco perfis das avós entrevistadas, todas são originárias do Japão e chegam ao Brasil como parte da primeira geração de imigrantes. Isto as coloca como portadoras da memória imigrante, ao mesmo tempo que viveram a primeira infância já em terras brasileiras. Com isso, a emigração e imigração assumem um papel relevante em suas trajetórias, influenciando a forma de pensar a família e seus papéis no interior da mesma.

Em suas falas, a emigração japonesa aparece como um divisor de águas na História do Japão na primeira metade do século XX e em suas próprias vidas. Isso ocorreu tanto para os que permaneceram no arquipélago, presenciando a partida de seus familiares e amigos, que embarcavam em grandes navios rumo a um continente desconhecido, como para os emigrantes, que levavam consigo sonhos, esperanças e na maioria das vezes, o objetivo de permanência calculada no Brasil e breve retorno ao Japão.

É nesse contexto que os resultados da pesquisa apontam para as relações intergeracionais, para a posição do idoso na família e para a imigração em terras brasileiras.

A infância das idosas e a imigração

Segundo a avó H.:

H.: “Eu vim com cinco anos do Japão. Eu nasci em 1928, em julho, vou fazer oitenta aninhos agora em julho, risos... Olha que moça, né... Nasci no dia primeiro de julho de vinte e oito, eu nasci lá em Yokohama, é uma vila, perto de Sendai, e vim com cinco anos”.

O primeiro navio rumo ao Brasil partiu em 1908, após campanhas publicitárias no Japão incentivando a emigração de centenas de homens e mulheres para o trabalho nas lavouras cafeeiras. Chegaram os primeiros imigrantes japoneses munidos da esperança de enriquecerem e retornarem, posteriormente, vitoriosos ao seu país, retomando suas vidas com maior dignidade, principalmente em relação à situação sócio-financeira abalada por inúmeras crises do país natal, devido às mudanças e reestruturação do mesmo no Período Meiji, compreendido entre os anos de 1868 a 1912 (Wortmann, 1995). Relatam as avós A. e S.:

A.: “Veio meu pai, minha mãe e um irmão mais novo da minha mãe, eram só dois, minha mãe e esse tio, que estava estudando, mas tirou do estudo, precisava de uma pessoa solteira, porque o pai de meu pai era de idade, então, passou dos sessenta anos não precisava vir, então meu pai não queria largar marinho, ele não aposentou no Japão, ele queria voltar para o Japão, mamãe não era brasileira, só falava em japonês, aprendia só japonês, minha mãe ensinava japonês pra todas as criancinhas, e ela nunca voltou para o Japão, não tinha dinheiro pra voltar, meu pai quando eu tinha cinco anos faleceu”.

S.: “Eu vim com três anos para o Brasil. Nasci em Kumamoto. Eu não me lembro de muita coisa do Japão. Mais quem lembra é a minha irmã, a H. N., ela se lembra de bastante coisa. Ela tem banca no mercado de Campinas, acho que a senhora deve conhecer ela. Mas como ela tá com idade, 80- anos, então ela alugou. Ela frequenta o Nipo, o karaokê, tem que entrevistar ela também. Ela veio com seis anos, e quando entrou na fazenda ela lembra”.

No dia vinte e oito de abril de um mil novecentos e oito partiu do porto de Kobe o primeiro navio transportando japoneses para o Brasil, chamado “Kasato Maru”. Trazia a bordo cento e sessenta e sete famílias, num total de setecentos e sessenta e uma pessoas, sendo seiscentas e uma do sexo masculino e cento e noventa do sexo feminino. Atracou no porto de Santos cinquenta e dois dias após a partida, trazendo sonhos e a esperança de “fazer a América” e depois voltar para a terra natal (Ennes, 2001). A esse primeiro muitos outros se sucederam percorrendo o mesmo trajeto Japão-Brasil e trazendo as muitas famílias hoje presentes em diferentes regiões, entre elas, Campinas.

Um dos resultados que os dados revelam é que, segundo as lembranças da avó H., nem todos os japoneses que imigraram tinham a intenção inabalável de breve retorno ao Japão. O fato contradiz as outras quatro entrevistadas, que foram criadas dentro dos costumes japoneses e fechadas dentro de suas famílias e famílias vizinhas de mesma origem. Diz H.:

“Então meu pai não era assim uma pessoa que ficava só nas coisas japonesas, meu pai nem queria voltar para o Japão, ele gostou daqui, porque lá fazia muito frio...Mas na época que nós viemos pra cá a gente morava no Japão a neve chegava assim a meio metro na porta. Ele não gostava do frio. Ele veio pro Brasil e ficou forte...Ele gostou do Brasil, nunca falou em querer voltar.”

Os imigrantes, de modo geral, trouxeram o que se poderia chamar de “medo do fracasso”, carregando consigo a vergonha pelo que os outros que ficaram no Japão poderiam pensar deles. A antropóloga americana Ruth Benedict, em seu livro "A espada e o crisântemo", obra encomendada pelo exército americano para estudar a sociedade e a cultura do Japão, publicado em 1946 identificou a sociedade japonesa como sendo a “sociedade da vergonha”, por ter valores rígidos que os faz aos japoneses, até hoje, realizar uma tarefa com o máximo de perfeição, e por outro lado, não permitir que os seus parentes, filhos ou não, fracassem, não aceitando erros e mantendo aos seus sob constante pressão.

Os japoneses, com sua cultura forte de tradições, foram mergulhados aqui no Brasil, em uma sociedade multicultural, devido ao grande número de imigrantes também acolhidos pela nação brasileira, advindos de diversos países, como Espanha, Alemanha, Itália, Síria e Turquia, alguns absorvidos como mão-de-obra nas lavouras brasileiras no início do século XX e outros dedicados ao comércio. Segundo lembranças das avós H. e Y.:

H.: “A gente foi já no meio de brasileiros. Eu fui criada com um pouquinho de cada jeito. Como a gente foi criada no meio de brasileiros, então aprendi um pouco dos dois”.

Y.: “... Mesmo moleque da minha idade tava lá, puxando enxada, moreno, né, não preto, mesma idade, tava lá, então acho que trabalhou junto também, não entende, lembro até hoje do rosto, mesmo, nunca vou esquecer, agradeço a ele também”.

Os imigrantes se concentraram em grupos familiares e voltaram sua atenção e convívio para as demais famílias japonesas que vivenciavam as mesmas circunstâncias de mudança geográfica e de adaptação. Talvez isso possa levar à compreensão do por que, então, seus costumes e tradições foram preservados dentro desses grupos, unidos pelos ideais comuns de retorno breve ao Japão, e, conseqüentemente, de não inserção na

comunidade brasileira que os recebia com curiosidade, resignação e hostilidade (Sakurai, 1993). Lembra a avó H.:

H.: “Meu marido veio do Japão com um ano. Mas ele cresceu na colônia japonesa, lá na noroeste, tinha muito japonês, pouco brasileiro. Então ele foi criado assim no costume japonês, ele foi à escola japonesa, ele aprendeu ler e escrever em japonês, no grupo escolar no Brasil não tinha, era só até o terceiro ano, lá era assim, ele é Fukushima..”.

Contudo, nos relatos das avós S. e C., não podiam permanecer somente voltados à idéia do retorno ao Japão e ao fechamento da vida dentro de costumes japoneses, pois o cotidiano em terras desconhecidas os obrigavam a recorrer a estratégias de enfrentamento da situação crítica e nova pela qual passavam:

S.: “Ali na fazenda meu pai falou, vocês precisam aprender a falar em português porque eu preciso colocar camarada pra trabalhar e eu não sei explicar o serviço. Aí nós fomos na fazenda, abriu uma escola lá, o fazendeiro abriu por que tinha muita criança lá.”

H.: “Eu ainda tive sorte porque na chácara que a gente foi morar tinha um grupo escolar. Era longe de casa. Tinha uns três quilômetros e meio quase quatro, levava mais de uma hora pra chegar. Chamava Grupo escolar Prof. Carlos Sodré, até hoje tem lá... Mas não fiz faculdade.”

A avó A., por sua vez relata sua infância dentro dos costumes tradicionais, onde todos dialogavam na língua materna, lutando pela preservação de seus valores, o que segundo ela foi muito importante no período em que trabalhou como dekasegi no Japão:

A.: “Minha mãe falava com a gente em japonês. Ela falava que quando voltasse para o Japão não iria precisar falar em português, naquela época. Então eu não fui à escola no Brasil. Só falava em japonês.”

Para a avó M. existiram momentos difíceis, principalmente, para as mulheres. A situação hostil pela qual passavam os imigrantes reforçava a necessidade das famílias pela preservação dos hábitos japoneses:

M.: “Antigamente, o homem tinha que estudar, sustentar a família, então meu pai dizia que não precisava estudar...era assim...meu irmão ia na escola à noite, mas mulher não podia sair à noite, só estudei japonês...” “Eu não fui na escola de portugueses, aprendi de conviver.”

Também, segundo a avó Y, sua família imigrante passou por momentos muito dolorosos e ela e os demais foram criados dentro da tradição japonesa e da dificuldade em frequentar uma escola formal que lhe permitisse a continuidade dos estudos em língua japonesa:

Y.: “Eu queria estudar, tinha trazido na bagagem lápis e caderno do Japão, e quando o patrão chegou disse que ela deveria ir trabalhar porque já tinha idade para isso.”

A vida dura nas fazendas brasileiras fica evidente nas narrativas das cinco idosas, revelando mais uma vez a veracidade do discurso, comum em todo o grupo étnico, a situação de dificuldades e problemas vivenciados por todos, ocasiona-se entre eles sentimentos de união e solidariedade.

A morte precoce dos pais também aparece com relativa semelhança entre as narrativas:

A.: “Meu pai quando eu tinha cinco anos faleceu. Em Pompéia, perto de Marília, foi buscar camarada, empregado, ele pousou numa pensão, que na cama tinha uma menina que faleceu com febre. Aí quando ele voltou já voltou com febre, minha mãe era enfermeira no Japão, então minha mãe sabia o que ele tinha, ficou quase uma semana com febre, aí meu tio, que morava junto, foi buscar médico em Marília, mas médico não conseguiu chegar rápido, quando chegou meu pai faleceu.”

H.: “Ele (o marido) perdeu o pai quando tinha 17 anos. Naquela época de 40, lá perto de Avaré, teve uma epidemia de tifo, as pessoas da minha época lembram, né,,foi mais depois da guerra...um pouquinho depois. 45 que acabou a guerra? Eu era pequenininha era menina, então eu me lembro dos vizinhos falarem assim: em Botucatu não vence fazer covas, ta morrendo muita gente com esse negócio de tifo...e a família de meu marido morava lá. O

pai morreu de tifo e o irmão mais velho morreu de tifo uns dois dias depois. A mãe dele disse que também teve tifo mas disse que tem qualidade, né. Tem um que sara e o outro não sara. O dela disse que sarou.”

M.: “Tinha mais dois, um irmão morreu junto com a minha mãe, ela estava grávida dele.”

O reconhecimento e honra atribuídos pelos nipo-brasileiros, de modo geral pode ser evidenciado quando as cinco idosas explanam a luta e o sofrimento para superação de dificuldades iniciais, em que o grupo familiar como um todo sofreu as ações do meio ambiente no qual estava inserido e ainda sofre. Segundo a fala das avós A., H., M. e Y. em suas lembranças sobre o pai imigrante:

H.: “Ele era lavrador. Ele plantava, criava bicho de seda. Ele gostou do Brasil, nunca falou em querer voltar. Ele tinha vontade de passear. Mas depois que chegou nasceram mais três filhos, e então pra criar os filhos que nasceram aqui foram pra escola, tenho três irmãos médicos, então apertou, a gente teve que trabalhar, ajudar pra criar eles”.

H.: “E quando ele já estava aqui no Brasil depois deu uma doença no tomate e meu pai perdeu tudo. O trabalho de um ano inteiro. Daí falou vamos pra cidade comprar alguma coisa antes que gaste todo o dinheiro que ele tinha juntado. Então veio pra Piracicaba e nunca mais saiu de lá e comprou uma pastelaria, e daí quando comprou eu já tinha vinte anos, meu irmão mais velho já era casado, minha irmã mais velha já era casada, então ficou eu e minha irmã, nasceu os meninos, meus irmãos faziam ginásio na cidade”.

Y.: “Lembro. Já tinha 13 anos de idade. Primeiro ano de ginásio. Meu pai assim falou: vamos pra Brasil, se sentiu, eu não sei, não quero ir...por que Brasil? Outro lado, né...Eu não queria ir, mas meu pai falou: vamos todo mundo. Então veio. Chegou aqui, navio assim, quarenta e dois dias, primeiros dez dias passando mal, sabe, nem brincar...depois assim, não tem onda, aí começou brincar, mas maioria passou mal. Irmão mais velho era casado, tinha dois filhos, também veio”.

Como as idosas se vêem na configuração familiar atual.

O envelhecimento humano é um processo inevitável, irreversível e inerente à condição humana. Nesse trabalho se busca a compreensão de como a preservação e a manutenção da cultura japonesa exercem influência ou não, na vida de cinco mulheres idosas, a partir do conceito de curso de vida e considerando o cenário de suas vidas em família e no ambiente do ICBNC.

Debert (2000) afirma que a idéia de “curso de vida” é um processo gradual que considera em si aspectos históricos, individuais e sociais para a compreensão dos períodos da vida de uma pessoa. As cinco idosas participantes desse estudo, dentro do contexto familiar nipo-brasileiro atribuem-se a si próprias um ponto importante e merecedor de destaque: a responsabilidade pela identificação e unidade do grupo social ou comunidade e os aspectos sócio-culturais, que são um dos fatores mais importantes para isso.

Os estudos de família são importantes, em parte, por ser no espaço das famílias onde se definem os padrões de atendimento a seus membros (Camarano, 2004). Exigem o esforço coletivo na transmissão de valores, crenças, padrões e comportamento de todas as pessoas pertencentes ao grupo. Elas relatam assim a posição do idoso na família.

A: “Não é como antes. Aqui no Brasil tratam muito melhor (os idosos). Aqui não deixam morrer no hospital. Quando fica doente, interna, mas depois traz para casa. Lá no Japão não querem saber. Deixam no hospital. Do asilo vai para hospital. Coitados, viu, falar a verdade... Aqui no Brasil é bem cuidado, ninguém judia deles. Vai para o hospital, melhorou vem pra casa. Lá não. Pessoal de idade mudou tudo. Ficou muito costume americano...”

S: “Olha, geralmente era, mas agora, eu olhei minha sogra 35 anos, ela morou comigo e meu marido. Depois que ela morreu meu marido morreu logo também... Ele era único filho. Ela deu muito trabalho. Era muito geniosa. Ela filha de samurai, então era tratada assim, né, como princesa. E eu tive que tratar também. Ela olhava meus filhos. Quando eu tive os dois filhos eu fiquei doente então ela me ajudou bastante”.

S.: “Mas como tem gente viúva, você nem imagina. A maioria mora com família...”

H.: “Sim, me sinto (respeitada), convivo com meus irmãos, sempre tem reunião, agora este ano não teve reunião de natal, porque minha mãe faleceu, minha irmã faleceu, então foi um ano meio triste lá em Piracicaba, mas todo ano a gente ia lá, reunia no Natal...”

O reconhecimento da importância histórica de suas trajetórias de vida, heroínas, pois, afinal, vivenciaram situações hostis na chegada ao Brasil, juntamente com seus familiares, enfrentando grandes novidades como o clima, a alimentação, a vegetação e principalmente, a língua portuguesa e a necessidade do convívio com brasileiros, tem sido perpetuado com o passar do tempo e se tornado senso comum entre os membros desse grupo social.

As histórias reais, vivenciadas e experienciadas pelas idosas fazem hoje com que seus descendentes norteiem sua história familiar pela presença dessas pessoas socialmente reconhecidas, lembrando a importância delas e seu prestígio na sociedade através de inúmeros livros de depoimentos, em trabalhos acadêmicos, em romances, poesias ou obras apologéticas (Ocada, 2004). Assim, lembra a avó Y. com clareza e riqueza de detalhes esses momentos difíceis:

Y.: “aí não dava pra recusar, né, pedido do patrão, puxar enxada, né, nunca trabalhei, chegar em casa, mamãe fazia tudo, né...não entende, No Japão criança fica dia inteiro na escola, leva lanche, né, bentô, aí manda trabalhar, né, então foi trabalhar, o outro irmão foi estudar, não entende...”

As mulheres que, segundo Bosi (1999) vivenciaram um processo migratório e, hoje são idosas como as cinco desse trabalho, sofreram um profundo desenraizamento, pois perderam o contato com sua terra natal, seus amigos e vizinhos, as águas e as matas, casa e maneira de vestir, de falar, viver e louvar ao seu Deus. Suas raízes foram partidas e a tradição muitas vezes impedida de se atualizar. Por essa razão, o desenraizamento é a mais perigosa doença que atinge a cultura, pois tende a destruir certos tesouros do passado a submeter ao esquecimento ensinamentos importantes, fiados ao longo de toda uma vida, ou transmitidos através de gerações.

Talvez por essa razão evidenciem tanto nas narrativas a vontade de retornar ao Japão, mesmo que somente a passeio, para conhecer ou lembrar. Para elas e, por que não dizer, para a maioria das idosas nipo-brasileiras, a oportunidade de regressar ao Japão passou a ser um tema recorrente e dominante nas conversas entre si e com as demais pessoas. O retorno, ainda hoje, parece ser uma questão de honra e falam com ares de tristeza quando não conseguem atingir esse objetivo. Somente as avós S., Y. e M. não retornaram ao Japão, ainda. Relatam, assim, as avós A. e H.:

A.: “Mas eu acho que foi bom que minha mãe me criou assim como japonesa, porque quando eu fui trabalhar no Japão então fui lá, e japonês faz muita diferença, separação: brasileiro é brasileiro, japonês é japonês, faz separação. Eu falava correto o japonês e eles não sabiam que eu era brasileira. Mas os outros, eles fazem muita diferença, a japonesada. Graças a Deus ninguém sabia que eu era brasileira. O brasileiro tem muito sotaque pra falar japonês. Então já percebe, esse aqui veio do Brasil”.

A.: “Eu fui trabalhar no Japão num hospital, trabalhei dez anos lá. Em 1992. 1993. Primeiro eu fui sozinha, meu marido ficou só três anos lá. Minha família toda foi trabalhar lá. Meus filhos, minhas noras. Aqui em ?Campinas muita gente foi trabalhar lá. Todo mundo conhece Japão. Não tem um que não trabalhou lá no Japão.”

H.: “Ele (o marido) é Fukushima, porque eu fui passear no Japão, então de Tóquio pra lá passa Fukushima, depois vem Yokohama.”

Na pesquisa realizada por Pinto (2002), com idosos nipo-brasileiros no Estado do Paraná, o respeito à família e à posição do idoso na mesma é um dos valores centrais na tradição cultural japonesa. Os costumes que se mantiveram praticamente intactos até meados do século XX fizeram do espaço familiar o local privilegiado para o exercício de poder e para o prestígio dos membros mais idosos, particularmente na fase da vida em que se caracterizava o *inkyō*, ou afastamento da vida ativa, por volta dos sessenta anos.

Sakurai (1993) procura contextualizar os imigrantes japoneses, que segundo ela, basearam sua trajetória de vida e de seus familiares no Brasil no princípio do *gambarê*, expressão típica da cultura japonesa que significa “esforce-se!” É o grito de guerra que se ouve hoje em dia entre os dekasseguis - os emigrantes nipo-brasileiros trabalhadores no

Japão. Através deste incentivo verbal, gerações de japoneses e seus filhos buscaram superar limitações. Na definição da autora, *gambarê* significava ter forças para suportar com perseverança e resignação todas as adversidades impostas pelo “destino”, a fim de que cada indivíduo pudesse dar sua contribuição pessoal, para que, coletivamente, atingissem a “harmonia”.

Orientada neste sentido, esta forma de consciência tinha por fim soldar o indivíduo às condições objetivas que o cercavam. O *Gambarê* estava baseado nos princípios do confucionismo, que segundo Sakurai, levou os que migraram a trabalhar “*arduamente, para buscar um padrão de vida mais elevado e lutaram para dar aos filhos condições de vencer no Brasil, mesmo à custa de abrir mão de ser um “genuíno” japonês* (Sakurai, 1993, p.58)”.

Os que vieram para o Brasil no período anterior à Segunda Guerra Mundial e hoje as idosas, sujeitos da presente pesquisa vivenciaram plenamente as normas sociais tradicionais vigentes quanto à posição do idoso e as relações familiares trazidas de sua sociedade de origem.

Com isso, dentro do grupo, certos valores e paradigmas de comportamentos foram congelados diferentemente dos que permaneceram no Japão, onde as práticas e valores foram alterados e uma nova moral, por assim dizer, surgiu nas famílias e na sociedade como um todo, principalmente devido à forte influência ocidental. O envelhecimento dos imigrantes não foi o mesmo, ou pelo menos, não sofreu as mesmas influências culturais e ambientais dos japoneses que residem no arquipélago até os dias atuais.

Segundo Sakurai (1993), o idoso japonês representa a figura de autoridade própria da família patriarcal, temido devido ao grande poder, mas também muito respeitado como uma viga mestra que sustenta toda a estrutura da família e cujo valor se estende a toda a sociedade.

Até os dias atuais, a maioria dos idosos continua empenhada em manter e preservar sua identidade cultural, transmitindo aos descendentes as tradições de seus antepassados, esforçando-se e convivendo com o dilema que a mudança de país causou em todo o grupo.

Relações intergeracionais nos dias atuais e a educação dos filhos.

As relações entre as gerações, dentro de um mesmo grupo familiar têm seu valor à medida em que os adultos idosos transmitem, quando possível, sua herança cultural, bagagem herdada de seus antepassados, dando com isso, continuidade e prosseguimento nos valores culturais, nas ideologias, hábitos e costumes de uma determinada sociedade.

Isso ocorre, definitivamente, através da criação, manutenção e oferta de transmissão do que foi criado, no ensino, no aconselhamento, na orientação e na possibilidade de deixar um legado pessoal por parte dos idosos. As relações entre as gerações são conduzidas pelos papéis que os seres humanos desempenham ao longo da vida, como por exemplo, no ato de educar os filhos, orientar os netos, cuidar de outros, transmitir experiências e a capacidade ou necessidade de envolver-se em atividades sociais que propiciem essa convivência com os mais novos.

Uma pequena observação torna-se necessária para se compreender como a questão das gerações é entendida pelos japoneses. O grupo estabelece que o corte geracional tem como ponto de partida a saída do Japão, isto é, o ato da emigração é visto como um ponto de ruptura com a família do Japão. A vinda para outro país cria, para aqueles que emigraram, um mundo novo também no âmbito familiar, quando se rompem os laços familiares do passado, e se inicia um novo ramo familiar a partir do momento em que aportam na nova terra. Por isso, a primeira geração de descendentes já é a dos nissei (ni = dois), ou a segunda geração de japoneses que está no Brasil, e assim por diante. A memória familiar e a 'tradição da família' têm, assim, no caso aqui estudado, uma história muito recente.

Para a análise dos arranjos familiares das famílias de origem japonesa no Brasil, a questão central do tempo e do espaço é crucial. O tempo se refere aos anos de permanência das famílias no Brasil e o espaço está ligado ao vínculo ao meio rural ou ao urbano. Esses dois parâmetros gerais fornecem balizas que permitem tratar a diversidade dos casos encontrados nas entrevistas realizadas.

A convivência entre gerações, ocorre, podendo gerar encontros e desencontros de indivíduos com visões de mundo diferentes. Para Pinto (1997), que comparou as concepções e expectativas de velhice e cuidado de representantes de três grupos de

imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil, o processo de educação na família é apontado como o principal, senão único meio de preservação dos valores culturais tradicionais, fundados nos princípios hierárquicos do respeito ao idoso, do dever moral de reciprocidade atribuído aos filhos e da solidariedade que, idealmente, deve reger as relações entre as gerações.

Ao chegarem ao Brasil, esses imigrantes trouxeram na bagagem a mentalidade de um país rural e feudal, que passava por modificações importantes rumo à industrialização e modernização de seu aparato sócio-político e, principalmente, econômico. A maioria das famílias era originária de comunidades rurais, onde ainda prevaleciam valores como o nome, a localidade, a moral e a honra.

Esse conjunto de valores, regras e normas sociais foi transmitido para as gerações seguintes já em solo brasileiro, via educação. É importante notar que não só no seio da família, mas assim como nos comportamentos dos imigrantes e seus filhos nas escolas, os valores tradicionais foram passados para a geração seguinte, de forma maciça e constante, dando origem à supervalorização dos valores tradicionais, apontados, por eles mesmos, como distintivos do povo japonês. Sob essa ótica as avós educaram seus filhos. Relatam A., H. e Y.:

A: “Então, minha mãe criou os filhos na tradição japonesa, então eu também criei meus filhos assim...modo japonês, não pode roubar, não pode pegar coisas dos outros, tudo assim. Então quando ia no Orosimbo Maia, eu tinha três crianças, então meu filho sempre voltava chorando, hoje perdeu a régua, hoje roubaram. Um dia fiquei com raiva e fui lá na escola falar com a diretora. Então eu disse a ela: japonês não rouba, então por que você não ensina pra não pegarem coisas dos outros. Então diretora falou assim: aqui é muita gente, não pode fazer muita coisa, então põe tudo nome nas coisas. Por que pensa que roubando dos outros parece que ganha alguma coisa, então, criança não tem culpa, não sabe, são as mães que não ensinam, então a gente falava, não pega coisa dos outros, coisas diferentes não podem trazer pra casa. Aí um dia meu segundo dia meu filho trouxe brinquedo, então disse pra ele, de onde trouxe isso aqui, isso aqui não é da minha casa, vai devolver, era do vizinho, ele achou bonito e trouxe pra casa, aí eu fiz devolver”.

H.: “Esses enfeites a minha filha ganha de clientes, ela é médica. Fisiatra trabalha no hospital das clínicas em São Paulo, ela já vai fazer 50 anos.”

Y.: “Eu sempre falo que tem que estudar... Meus filhos, assim, até formar na faculdade...estudo é tudo...”

A criança, nesse contexto da imigração japonesa recebia atenção especial dos pais, avós e professores, em especial nos horários destinados às refeições e nas atividades de estudo e lazer, destacando-se nas atitudes dos adultos a questão da ascensão social de todo o grupo, mediada pelo comportamento de seus membros.

Por exemplo, no Japão, desde a era feudal (até final do século XIX), o sistema familiar era o centro do sistema social e tinha, não apenas um papel de reprodução da espécie, mas de reprodução de uma linhagem, ou seja, do nome, assim como tinha, sobretudo, um papel econômico de preservação das terras, do local de moradia.

As crianças tinham um peso nesse universo muito forte e determinante de alguns comportamentos e atitudes e eram, por assim dizer, os motores dessa engrenagem. Apesar dos pesares, como já citado, a família japonesa, quando de sua chegada ao Brasil, foi muito discriminada socialmente e buscando a superação da discriminação, as famílias estrategicamente optam pelo caminho do trabalho e da educação para “buscar o seu lugar ao sol” na sociedade brasileira, e então, a pressão para os estudos e disciplina sobre os ombros das crianças foi muito intensa.

Estudar para melhorar de vida, “*para ser gente*”, visando e reforçando sua independência social e financeira. Esses foram chavões utilizados pelos pais e professores, apesar de serem aplicados a qualquer família, japonesa ou não. Entretanto, para a família nipo-brasileira do início do século XX, esses chavões tiveram um peso muito maior em decorrência da situação hostil vivenciada pelo grupo. O fato de estudar e muito foi um dos grandes motores que fizeram os pais trabalharem na lavoura de sol a sol, sacrificando-se para poder “dar educação formal” aos seus filhos.

Entretanto, com a chegada da idade madura, a aposentadoria e, com isso, o afastamento das atividades laborais do idoso, novos papéis sociais surgem em paralelo ao de avós e até mesmo bisavós. Relatam S. e H.:

S: “Minha neta, que é advogada e mora aqui também. Tem uma que está estudando e trabalhando nos EUA, e a mais nova trabalha no Shopping Dom Pedro. A solteira caçula mora com a mãe, e aqui comigo só meu filho e o cachorro... risos. Mas elas vem sempre pra cá...”

H: “O filho casou com uma japonesa de Campinas mesmo, ele teve duas meninas.”

A.: “Não, ele (o neto) é vizinho. Tem ele e a menina de 10 anos... em 62 nasceu o mais velho, e 64 nasceu o segundo, que está no Japão. Faz 18anos. Telefona sempre, ele veio duas vezes pra cá, mas depois que casou não veio mais. Nasceram 2 filhos, tem filho de 12 anos, um com doze eu outro com 13.”

Assim, pode-se dizer que nas relações intergeracionais e familiares, o papel social das avós e o papel das mulheres sofreu grandes alterações ao longo do tempo. Antigamente a identidade feminina era determinada basicamente pelos papéis de esposa e mãe, sempre comprometidas com o ambiente doméstico, os filhos, o cuidado das pessoas doentes e o casamento (Sommerhalder e Nogueira, 2000). Para a avó M.:

M.: “Colocava meu filho mais velho nas costas e ia pra lavoura. Hoje não dou palpite na vida dos filhos e netos, porque eu sofri muito não quero repetir novamente.”

Entretanto, em relação à situação social dos idosos nipo-brasileiros dentro do contexto de sua organização familiar, segundo as tradições japonesas, foi se perdendo ao longo do tempo, geração após geração, por um movimento natural:

Hoje se tem alguns exemplos de apresentações de danças japonesas, festivais que ocorrem na cidade e outras manifestações que são uma forma dos mais velhos tentarem ainda manter essas tradições e mostrá-las para o público. Mas, no geral da comunidade

nipo-brasileira, essas tradições estão sendo incorporadas de outra forma. Os descendentes de terceira e quarta geração, pouco conhecem a língua japonesa e pouco conhecem essas tradições. Eles assistem a esses eventos, mas não participam deles (Célia Sakurai, citado por Pereira, 2004).

Nos relatos das avós H., S., M. percebe-se que vivem sozinhas, enquanto os filhos trabalham fora de casa a maior parte do dia. As avós A. e Y. vivem com os respectivos maridos.

S.: “Hoje eu estou morando com meu filho. Porque ele divorciou e então ficou sozinho. Então eu fiquei morando com ele. A casa é bem dizer dele... e aqui comigo só meu filho e o cachorro... risos. Mas elas (filhas do filho) vem sempre pra cá...”

H.: “hoje eu mora sozinha. Minha filha trabalha em São Paulo, então quando é quinta feira ela já vem pra cá. Quinta de tarde, fica sexta, sábado e quando é domingo de tarde ela já vai embora...ela é solteira... só que ele (o filho) morreu novo de infarto com 34 anos. Morreu de repente, não deu tempo de nada, já faz 17 anos. E o marido também morreu cedo, com 59 anos, 9 anos depois morreu meu filho e eu fiquei sozinha agora....”

M. “Hoje sou viúva, faz 13 anos, tenho sete filhos, sou forte...risos...todos casados, são bonitos, cinco homens e duas meninas. O filho que mora comigo se separou da mulher brasileira.”

Demartini (1999), em uma pesquisa sobre as diferentes gerações de famílias japonesas na cidade de São Paulo, constatou que, de um modo geral, essas famílias se baseiam nos valores de sua cultura de origem para estabelecer os vínculos com seus descendentes e com a população da nação hospedeira. Para a autora, as estratégias adotadas para suas vivências no contexto (paulistano) estão baseadas em valores culturais tais como união, solidariedade, hierarquia, disciplina e respeito.

Esses valores são herdados de uma tradição cultural milenar, e atualmente, reinterpretados pelos idosos, constituindo a base para o enfrentamento de situações vivenciadas no interior das famílias e comunidade. Nestas, torna-se importante a

consideração de sua estrutura e forma particular de organização, devido aos fatores que determinaram no passado, sua própria condição de vida, pois as pessoas que migraram vivenciaram temporalidades diferentes e, o contato com outra cultura provocou certo estranhamento mediante diversas estratégias de adaptabilidade diante dos novos costumes e normas que, assim, foram estabelecidas.

A existência de conflitos entre as gerações.

Na história da humanidade, independentemente do grupo étnico ao qual pertencem, as interações entre as gerações dentro do ambiente familiar são marcadas por eventos positivos e negativos, sempre havendo semelhanças e diferenças entre os grupos, sendo o processo de mudanças de valores sociais constantes, construídas e reconstruídas pelos atores sociais.

A troca de experiências entre as gerações é sempre bem vinda, quando há a oportunidade de compartilhamento de sabedoria, crescimento pessoal para os idosos e sensação de poderem contribuir de alguma forma com o crescimento e evolução dos descendentes, pois teoricamente os mais velhos já percorreram um longo caminho na luta contra os preconceitos associados ao envelhecimento, às suas perdas e declínios físicos e cognitivos.

Nessa pesquisa, em especial, constatou-se que o ideal de velhice bem vivida, que aparece nos relatos dos nipo-brasileiros, cuja imagem que passam para a sociedade brasileira de modo geral, nem sempre é o que acontece na realidade dos idosos. Os dados que trazem as entrevistas realizadas com as avós S. e H. auxiliam a compreensão e o esclarecimento das complexidades das situações vividas pelas cinco mulheres, contribuindo com isso, que se evitem generalizações quanto ao processo de envelhecimento nas minorias de grupos étnicos.

Segundo a avó S., viúva, com oitenta anos de idade, morando somente com um filho divorciado e seu cão, a relação com a filha e netos não tem sido satisfatória em sua velhice, devido a desentendimentos e problemas na comunicação entre si.

S.: “A filha é casada, mora lá no centro. Essa aí tá complicado. Casou com brasileiro. Eu tenho essa casa que ela tá morando é minha, e como eu estou pagando aluguel aqui, eu queria vender minha casa e repartir, mas não há meio dela sair nem vender. Ela mora com o marido que é muito ruim.”

Com a narrativa dessa avó, percebe-se que nem todos os idosos nipo-brasileiros vivem uma condição de velhice bem vivida em termos das trocas positivas entre as gerações, e não são todos os que conseguem efetivamente transmitir em toda a parte, seu legado cultural aos mais jovens. Segundo Goldani (2004), esse tipo de conflito no nível do contrato informal é raramente apontado em algumas perspectivas de análise, visto que geralmente se idealiza o modelo de família e a solidariedade entre seus membros é tida como dada, desconhecendo-se muitas vezes a complexidade das relações, às vezes contraditórias, entre pais e filhos adultos e avós e netos.

S.: “...Deixei eles morarem lá pra poder acabar de estudar. Agora acabou de estudar e nem aparecem pra dar um alô pra vovó...Nem telefonam. Os três tinham ido para o Japão, mas um voltou e nem veio me ver. Não vão nem ao Nipo. As meninas estão no Japão.” Um menino e duas meninas. Eles não vêm me ver. Encheram a cabeça deles de que eu sou culpada deles não poderem morar na casa e então eles não vêm me ver. Eu não me importo, não precisa vir...”

Este relato, à luz dos questionamentos de Camarano (2004, p. 145), levanta também uma dúvida crucial em relação às preferências dos idosos, tanto os brasileiros quanto os nipo-brasileiros, demonstrando, sobretudo, uma situação de conflito intergeracional pela ameaça sofrida de suprir sua autonomia em dispor livremente de sua propriedade: vender sua casa.

Não se sabe, por exemplo, se do ponto de vista dos idosos os arranjos familiares predominantes estão refletindo as suas preferências ou se são resultado de uma “solidariedade imposta”.

Para Camarano (2004), novos arranjos familiares mais complexos estão se formando pelo número de gerações co-residindo no domicílio. Segundo ela, em 1982 predominava o arranjo familiar de duas gerações, composto principalmente por chefes e

filhos (42%) e de chefes sem filhos, mas com netos (8%). Entre 1992 e 2002, a família de três gerações apresenta um aumento com proporções indo de 17,5% para 19,3%. Em relação à proporção de famílias com adultos não-chefes e não-cônjuges se observam que em 1982, 47,3% das famílias de idosos contavam com pelo menos um adulto nessa condição. Em 1992 esta proporção passou para 49,0% e em 2002, para 49,3%.

Mesmo essa avó, sujeito dessa pesquisa, tendo sido personagem da saga da imigração japonesa para o Brasil, vivenciado as situações de adaptabilidade à nova terra, tão cantada em verso e prosa nos meios de comunicação da colônia nipo-brasileira, não parece, à primeira vista, que seja neste momento de sua vida, coroada de honra por sua luta e sobrevivência apesar das crises vividas ao longo de seu curso de vida.

Não que essa situação de conflitos entre si e a família nuclear de sua filha perdue para sempre, mas nesse momento, sua velhice estava sendo só e aparentemente triste, fugindo à regra de que todos os idosos nipo-brasileiros encontram a paz e a harmonia, cercada pelos descendentes que reconhecem seu valor social e histórico.

“...Eu fico sozinha o dia todo. Agora meu filho está de férias. Mas ele sai sempre seis e meia sempre de casa e volta só às seis horas da tarde. Eu só vou no segundo domingo do mês e eu vou lá ajudar a fazer o yakissoba no sábado... tem dança, mas eu não gosto de dança. Eu ia muito no karaokê, mas como não tem ninguém pra me levar eu não vou mais. Meu filho não leva, chega à noite, tem muita responsabilidade, e como volta sempre dez horas do Nipo, não dá pra me levar...”

Pode-se também verificar na narrativa da avó H. uma vivência solitária, sem a presença de netos saboreando as conquistas da sobrevivente da saga da imigração japonesa.

“...Hoje eu moro sozinha. Minha filha trabalha em São Paulo, então quando é quinta-feira ela já vem pra cá. Quinta de tarde, fica sexta, sábado e quando é domingo de tarde ela já vai embora...ela é solteira... o filho, casou com uma japonesa de Campinas mesmo, ele teve duas meninas e só que ele morreu novo de infarto com 34 anos. Morreu de repente, não deu tempo de nada, já faz 17 anos. E o marido também morreu cedo, com 59 anos, 9 anos depois morreu

meu filho e eu fiquei sozinha agora....a mulher dele ajuntou com um Taiwan, um pouco diferente do japonês. É da China, mas meio separadinho lá da China. Minhas netas estão com 20...a primeira nasceu em 84, ta com 24 anos, e a outra ta com 19 anos. Elas moram lá em Itajubá, em Minas, eu fui lá agora domingo passado, eu fui lá no aniversário dela. Elas gostam de mim, eu falo chinesinha, agora são mais chinesinha do que japonesinha, nossa me adoram...”

A diminuição das interações sociais na velhice, segundo Carstensen (1995) leva os idosos a solidificarem as suas relações familiares, tornando-as mais significativas. Por isso, estar por perto da família nesse momento pode ser fundamental para o idoso enfrentar as mudanças que acontecem no seu estado de saúde físico, emocional e cognitivo.

A vivência entre diferentes gerações não é uniforme nem entre os brasileiros, e nem entre os nipo-brasileiros. A ausência de conflitos é um mito, pois no fundo todos os relacionamentos humanos são permeados por conflitos de interesse e baseados em diferentes percepções de mundo. Viver só pode ser um estágio temporário do ciclo de vida e pode estar refletindo preferências. Na verdade, a proximidade geográfica nem sempre pode ser traduzida por uma maior frequência de contato com filhos ou netos. A proporção dos mais idosos vivendo sós é mais elevada do que a dos idosos jovens, tendo esse diferencial crescido no tempo (Debert, 1999).

Em relação aos casamentos interculturais, as avós A., S. e M. relatam em suas falas a existência de um traço de preferências na preservação das tradições japonesas dentro do contexto da família nipo-brasileira. Para elas, o casamento dos filhos com cônjuges brasileiros não foi o “ideal”, comportamento já esperado por elas de que deveriam ter se casado com mulheres “japonesas”, visando a manutenção da unidade do grupo familiar fechado em seus próprios ideais.

A.: “Ah, eu queria (que o filho se casasse com japonesa). Queria. Mas o do Recife, o segundo filho, casou com brasileira. A nora que mora aqui do lado é filha de japoneses, ela nasceu em Belém do Pará, mãe dela veio do Japão depois da guerra. Então ela sabe todos os ensinamentos da mãe, continua, como se fosse japonesa. Faz tudo do jeito que a mãe fazia, ela gosta muito...é sim, que

continua as tradições. A (esposa) do filho que está no Japão é japonesa mesmo, o pai veio pra Cotia, a mãe dela é nissei, então também foi criada como se fosse japonesa...”

A: “Bom, não tem nada (nora casada com o segundo filho), só passa costume brasileiro, mas meu filho só costume japonês. Ela teve que aprender a cozinhar. Mas eles não tem filhos. Mas ela come comida japonesa. Aqui família japonesa, casou com japonês, tem que entrar na família japonesa. Por que aqui o arroz a gente cozinha na panela própria, sem tempero, só que mistura é tudo igual, verdura é tudo igual, é mais o gorrão que é diferente. Ata quando tem churrasco o arroz é diferente, oniguirí...”

Por outro lado, as avós A., M. e Y. convivem com os netos, não relatando sinais ou traços de solidão devido à ausência ou presença de conflitos com eles.

A.: “Esse meu neto também freqüenta lá (ICNBC), ele é vizinho.”

M.:” No total tenho 17 netos. Também, com sete filhos...Como um filho mora comigo os netos vem me ver. Meus outros filhos vem a cada quinze dias. Minha filha mora em SP, eu vou lá a semana que vem no aniversário de um ano da minha bisneta.”

Y.: “Tem 20 netos, 6 no Japão e 14 em Campinas.”

Diante desse contexto, as formas de vida associativa da comunidade japonesa, organizadas como associações de caráter étnico e social, ganham importância adicional nas relações intergeracionais e realizam o trânsito da cultura japonesa para além da família.

O ICBNC: vida associativa para além da família.

O segundo grande tema a ser destacado após a análise dos dados foi justamente as formas de vida associativa da comunidade nipo-brasileira de Campinas, organizada como associação de caráter étnico e social, com importância adicional nas relações intergeracionais e que permite o trânsito da cultura japonesa para além da família.

Atualmente e, principalmente, por ser o ano de 2008 destinado à comemoração em todo o território nacional brasileiro do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, todas as atenções estão voltadas para as qualidades da cultura trazidas pelos primeiros

imigrantes e guardadas, preservadas, principalmente, na memória das mulheres idosas, que participam ativamente das atividades culturais de seus centros de convivência, de seu ambiente familiar, sempre voltadas às canções tradicionais, artesanatos, costumes e rituais religiosos. Segundo a avó A.:

A: “Sabe, uma semana antes, a esposa do presidente do Nipo, Sr. Hanada, todo mês telefona, e fala: dá pra ajudar a fazer yakissoba? Não dá pra falar que não. Sete horas da manhã a gente vai. Eu acho que é muito bom, meu neto também frequenta lá. Os meninos hoje em dia a gente não sabe onde frequenta, se vai embora, se usa drogas, essas coisas”.

Entretanto, a ênfase das comemorações recai sobre o aspecto econômico ou sobre o cultural, sem levar em consideração o aspecto da dimensão étnico-racial, da discriminação na década de 1930, ou as perseguições sofridas durante a Segunda Guerra Mundial. O que se apresenta é uma *“história sem conflitos, que, ao menos aparentemente, nega o fato de terem sido os japoneses considerados indesejáveis para os interesses da nação brasileira”* (Sakurai, 2000, p.54 e 55).

Mesmo assim, o importante é que hoje em dia falar na preservação da cultura japonesa pode ser mais gratificante e recompensador para as idosas. Na época de seus pais, por exemplo, em que o Japão ainda não era a potência econômica e tecnológica dos dias atuais, talvez não. A evolução histórica contribuiu e acabou beneficiando os idosos de hoje que já experienciaram momentos hostis e cruéis frente à nação brasileira. As comemorações pelo centenário realmente são importantíssimas para todo o grupo, unido e empenhado em representar fidedignamente a cultura que tanto lutam para manter e transmitir aos filhos e netos.

O Instituto Cultural Nipo-Brasileiro de Campinas (ICNBC) é um dos espaços fundamentais de agregação da comunidade japonesa na cidade. Nesse sentido, sua história revela os percursos e trajetórias de várias gerações de japoneses, permitindo colocar em tela o tema em debate nesta pesquisa: o papel das avós idosas e suas relações intergeracionais na família e na comunidade. Ainda para a avó A.:

A: “Os idosos se reúnem, conversam, cantam, fazem ginástica, tem professora que ensina pra todos. Nós vamos toda quinta-feira. Depois toma chá e conversa. Cada um dá um real pra comprar a cartela do bingo. Depois o prêmio somos nós quem doamos. Eles ficam na mesa e quem vai ganhando vai escolhendo. E com esse dinheiro ajuda o Nipo. O Nipo é muito grande. Em dia de yakissoba toda a molecada ajuda. Eles retiram as mesas dos clientes na feira oriental, igual nos restaurantes. Tem quatro, cinco empregadas que limpam os pratos, mas os jovens ajudam. Meus netos ajudam bastante. No carnaval também ajudam. Dormem lá. Enfeitam o salão. O carnaval do Nipo é famoso. Os jovens decoram”.

Pergunta-se quem são essas idosas e se buscou no espaço do ICNBC localizar imigrantes e descendentes para ouví-las em suas histórias pessoais, marca da coletividade que representam. Para tanto, recorreu-se a um trabalho realizado por Kobayashi (2006), em que através do registro das memórias de idosos e idosas apresentou o passado e trajetória da comunidade japonesa em Campinas e região.

Neste livro, o Sr. Hanada, atual presidente do ICNBC (Kobayashi, 2006), na época da publicação do livro, esclarece alguns pontos do contexto histórico da formação de centro de convivência. Segundo ele, logo após a derrota do Japão na Segunda Guerra, os japoneses e descendentes residentes no Brasil e buscando recuperar a auto-estima do grupo, abalada por essa derrota avassaladora, acreditavam que somente através da união de todos poderiam suportar a dor de verem seu país devastado, familiares mortos em combates e a frustração de não poderem, momentaneamente, retornar para junto dos seus. Decidiram, assim, encontrar perspectivas e motivos para permanecerem em terras brasileiras.

Para tanto, criaram em 1951, o *Nihonjin-kai* de Campinas, liderados pelo professor de língua japonesa Sr. Kinji Ohno. Mais tarde oficializaram o nome para Instituto Cultural Nipo-Brasileiro. O instituto tinha como objetivo principal a integração das famílias, promovendo cursos de língua japonesa, atividades sociais, culturais, esportivas e assistenciais. Tinha por meta a educação dos filhos de imigrantes japoneses e preocupavam-se com a convivência dos mesmos com outras famílias da mesma origem e preocupados, sobretudo, com a preservação das tradições trazidas do Japão.

A partir dessa organização social inicial, constituída por um sentimento de pertencimento a um grupo fechado e hegemônico através, principalmente, de laços lingüísticos, culturais e morais, esse modo de organização e associação passou a ser tão importante na vida dos japoneses de Campinas, como já o era em outras cidades do Estado de São Paulo e Paraná.

A vivência no interior de uma associação permitia e, assim, até os dias atuais como diz Seyferth (1982), que o grupo étnico, já organizado, participasse de um conjunto de padrões de comportamento normativo e se utilizassem de símbolos de identificação que permitissem o estabelecimento de limites étnicos claros. Como diz a autora, para afirmarem a identidade étnica e cultural, tais grupos procuraram meios de se relacionar e se integrar com seus pares. Isso mostra a necessidade de estarem juntos, dividindo ideais comuns, princípios básicos e de compartilharem costumes semelhantes. Segundo a avó A.:

A.: “No segundo sábado tem reunião só de senhoras, e segundo domingo, yakissoba. Não tem muitas pessoas de idade, tem de sessenta, setenta, oitenta e cinco pra cima quase não tem. Toma chá, conversa, é muito bom pra todos. De idosos, tem na última quinta-feira. Meiji-kai. Aquele tempo que nasceu naquela era, quem ta vivo agora tem mais de cem anos. Quando o imperador falece, vem outro nome. Aquilo é muito bom, só de idosos”.

Nesse sentido, a manutenção desses núcleos associativos dava aos japoneses e seus descendentes, no passado e também no presente, possibilidades de cultivar seus ideais e preocupações, sempre vivendo em “comunidades”, limitadas nos domínios do mesmo idioma. Para Seyferth (1982), através da língua se mantém as tradições culturais, por ser um meio de deixar viva a memória de um povo. Portanto, esta não pode deixar de ser um poderoso símbolo para a coesão do grupo. A comunicação é a forma de expressar o que se pensa e de poder transmitir histórias, lendas e toda riqueza cultural que se viveu e se vive.

Para Cardoso (1973), essas associações ajudaram no sentido de possibilitar novos aprendizados através das reuniões de grupos vivendo as mesmas dificuldades. No período de guerra e pós-guerra, o propósito das associações, de acordo com a autora (1973, p. 336), foi “o de criar condições para ascensão social do nissei, isto é,

fornecendo-lhe comportamentos e atitudes que lhe permitam conseguir o êxito esperado pela família.” Ao privilegiar a dedicação aos estudos e ter como meta de vida, o esforço, observava-se e se observa ainda hoje, que os descendentes de japoneses têm procurado profissões que lhes possam dar certo *status* econômico, assim como lhes possam possibilitar a ascensão social.

Segundo Nabão (2006), no Brasil constituíram família e, então, nasceram as gerações *nissei* (o elemento prefixal *-ni* significa *segunda* e *sei* vem a ser *geração*), *sansei* (provém de *-san*, que significa a *terceira* geração: netos de imigrantes japoneses), *yonsei* e *gosei* (respectivamente quarta e quinta gerações). De uma forma conjunta, são chamados nipo-brasileiros. Para a avó S. relatando sobre o filho:

S.: “Hoje eu estou morando com meu filho. Porque ele divorciou e então ficou sozinho. Então eu fiquei morando com ele. A casa é bem dizer dele. E ele casou com uma brasileira, e viveu quase trinta anos. Ela era muito ciumenta. Como ele trabalha numa firma que tem bastante secretária, então como ele tem um cargo mais ou menos alto, todo mundo procura ele. Então ela achava que era outra coisa, Aí precisou separar mesmo. Depois tem a filha de 28 anos, minha neta, que é advogada e mora aqui também. Tem uma que está estudando e trabalhando nos EUA, e a mais nova trabalha no Shopping Dom Pedro. A solteira caçula mora com a mãe, e aqui comigo só meu filho e o cachorro.... Mas elas vem sempre pra cá...”

Observa-se, desse modo, o empenho dos imigrantes japoneses e seus descendentes em buscar na educação e formação escolares, tal como no passado, a forma de ascensão social e assim, esse ideal é transmitido de geração a geração. Vale ressaltar, que ainda hoje, criam-se e mantêm-se associações e clubes, não só para descendentes de japoneses, mas aberto a todos, como a Sociedade Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba (*Nikkei* Curitiba), União dos *Gakusseis* de Curitiba, Escola *Junshin* (Cardoso, 1973).

As atividades sociais se constituem numa das dimensões do funcionamento social dos idosos e é um importante indicativo das condições de adaptabilidade ou não dos mesmos.

O contexto do ICNBC.

Embora esta pesquisa se concentre nos participantes associados do ICNBC, abrangendo um total de quinhentas famílias, atualmente, segundo Kobayashi (2006) não existe um registro oficial sobre o número de japoneses e descendentes residindo em Campinas, porém, associações assistenciais, culturais e esportivas, bem como entidades religiosas podem ser fontes de referências de centros aglutinadores da comunidade nipônica local.

Contudo, quatro associações nipo-brasileiras, além do ICNBC são conhecidas na cidade de Campinas: Associação Okinawa do Brasil, contando com um total de oitocentos associados; Associação Cultural Assistencial Nipo-Brasileira da Colônia Tozan, com aproximadamente cinquenta famílias; e Associação Cultural Nipo-Brasileira de Pedra Branca, em torno de quarenta famílias. Além destas, existe a Associação Cultural Assistencial Nipo-Brasileira do bairro Macuco, congregando cerca de quarenta e cinco famílias, que embora instalada no município próximo à Campinas, Valinhos, também participa da vida comunitária das associações campineiras.

Atualmente, o ICNBC ocupa uma área de 817,53 metros quadrados e construído em duas etapas: a primeira, com a construção do Pavimento Inferior, onde consta um WC feminino, cozinha e despensa, uma sala de aula destinada ao ensino da língua japonesa, um WC masculino, um grande salão, aposentos para um zelador composto por dois dormitórios, sala, cozinha e WC. Este local era conhecido por porão e muitas atividades foram realizadas neste espaço.

A segunda etapa foi a construção do Pavimento Superior e do mezanino, onde estão localizada a Secretaria e o WC feminino, uma cozinha, e um palco para as apresentações dos eventos. No Mezanino estão as salas de reuniões, presidência, o almoxarifado e os WC.

Em março de 2008 se encerrou a presidência do seu décimo sétimo presidente. São quatro dos departamentos do ICBNC e estão assim subdivididos: *Seinen-kai* (Departamento de Jovens), criado na década de 1950; *Fujin-kai* (Departamento das

Senhoras), fundado em 1962; *Menji-kai* (Departamento de Idosos), criado em 1972; e o *Karaokê Aiko-kai* (Departamento de Karaokê) formado em 1985. Segundo Kobayashi (2006), ainda se preserva o hábito de se denominar os diversos departamentos de *Kai*, mas na verdade *Kai* significa associação, em língua japonesa. Para departamento, a tradução mais adequada seria *Bu* e esta sim seria a maneira correta de designar os distintos grupos que existem dentro do instituto.

Entretanto, por motivos do interesse desta pesquisa, destaca-se aqui somente o *Meiji-kai* ou Departamento dos Idosos, que recebeu esta denominação por ser composto, no início, por japoneses nascidos na Era Meiji (1868-1912), conforme já citado anteriormente. Contudo, segundo Kobayashi (2006), atualmente o termo não corresponde à realidade, pois existem pouquíssimos associados nascidos nesse período. A tendência, ainda segundo Kobayashi, é substituí-lo por *Rojin-bu* (*rojin* – idosos), pertencendo, então, a um conceito mais amplo e abrangente. Para Kobayashi, na tradução para o português, houve uma época em que se utilizou o termo “Associação dos Anciões” e, mais recentemente, numa tentativa globalizante e moderna, de “Associação da Terceira Idade”, pois curiosamente os japoneses sentem orgulho da idade que possuem e, por enquanto, o termo “idoso” é o que melhor os definem.

Esse departamento foi criado oficialmente no ano de 1972 com a finalidade de congregar os idosos de Campinas, e fortalecer os laços do grupo étnico como um todo. Inicialmente contava com a participação de dezoito pessoas, sem a cobrança de taxas aos associados. “*A arrecadação de fundos e recursos era obtida através da exibição de filmes japoneses em diversos cinemas da cidade de Campinas*” (Kobayashi, 2006, p. 149).

Atualmente, o *Menji-kai* tem cento e sessenta e sete idosos associados, sendo a maioria composta por mulheres, cento e dezenove. Quarenta e um sócios são *nisseis*, isto é, filhos de imigrantes e a idade média masculina é de oitenta anos e a feminina, setenta e três anos. Existem pessoas nascidas na era Meiji, mas o maior número é de nascidos na Era Taisho (1912-1926) tendo o mais velho, cento e cinco anos e o mais jovem, cinquenta e seis anos. Esse departamento participa ativamente de todos os seis eventos anuais da Federação Nacional dos Anciões do Brasil, além de participar do campeonato de *Gate-ball* (esporte de

origem inglesa, popular entre os japoneses) e do evento anual da Federação Centro-Oeste, formado pelas cidades de Indaiatuba, Campinas e Jundiaí.

Esses eventos organizados e compostos pelos idosos expressa, para a comunidade como um todo, a importância que essas pessoas mais velhas atribuem à vida social dentro da associação na qual estão inseridas, sendo portanto, para os idosos nipo-brasileiros efetivamente a extensão de suas vidas em família. Para as avós A., S., H., M. e Y.:

A: “Se reúnem, conversam, cantam, fazem ginástica, tem professora que ensina pra todos. Nós vamos toda quinta-feira. Depois toma chá e conversa. Cada um dá 1 real pra comprar a cartela do bingo. Depois o prêmio somos nós quem doamos. Eles ficam na mesa e quem vai ganhando vai escolhendo. E com esse dinheiro ajuda o Nipo. O Nipo é muito grande. Em dia de yakissoba toda a molecada ajuda. Eles retiram as mesas dos clientes na feira oriental, igual nos restaurantes. Tem quatro, cinco empregadas que limpam os pratos, mas os jovens ajudam. Meus netos ajudam bastante. No carnaval também ajuda. Dormem lá. Enfeitam o salão. O carnaval do Nipo é famoso. Os jovens decoram”.

S: “...Aquilo lá eu não gosto de dança, tem as danças, mas eu não gosto de dança. Eu ia muito no karaokê, mas como não tem ninguém pra me levar eu não vou mais. Meu filho não leva, chega à noite, tem muita responsabilidade, e como volta sempre dez horas do Nipo, não dá pra me levar...”

H: “Eu estava fazendo lian gong, aquela ginástica chinesa só que agora levei dois anos pra reformar a casa, ainda falta pintar por fora, eu tive que fazer o banheiro e o teto que estava vazando, fazer a cozinha uma porção de conserto. Uma pessoa só que trabalhava porque não dava mais, hoje em dia não pode contratar ajudante, a gente não conhece direito. Então agora vou começar ir...No yakissoba, eu ia muito no yakissoba, esse ano acho que só este ano que eu não fui..eu ia andando, não é longe daqui...é só subida, eu vou e volto de a pé, eu não ando de carro, só quando é muito longe”.

M: “Ah, eu faço reunião, reunião, na quarta quinta do mês, primeiro eu ajudava no yakissoba, mas agora eu esqueço de algumas coisas, eu fui internada na semana passada, eu estava ruim, diarreia, a cabeça estava meio zozza, internou num dia e fiquei o dia inteiro tomando soro, aí melhorou...ando muito esquecida...”

Y: “Ah, sim, claro, Nipo é muito importante pra mim. Faço dança japonesa com professora de São Paulo, ajudo no yakissoba, não falta, vou até doente pra Nipo”.

De todas as falas, a indissociabilidade da cultura, da família e a importância da vida comunitária e associativa se impõem. Com isso, os resultados obtidos através dos relatos das cinco mulheres idosas, residentes em Campinas, mas, nascidas no Japão no início do século vinte e, portanto, fortemente ligadas às transmissões culturais de seus antepassados revelam a influência dos contextos históricos de grandes mudanças sociais e econômicas, vividas por elas e suas famílias.

Na época de seus pais, as crises decorridas pela modernização do arquipélago no regime governamental da Era Meiji (1868-1912) refletem e descrevem a realidade familiar dessas idosas, presente como memória e referencial que as mesmas têm de família e de comunidade nipo-brasileira, como contextos em desenvolvimento e em transformações constantes.

As cinco idosas trazem, desse modo, evidenciado nos relatos, referências ancoradas em um passado distante, situado em um contexto social japonês, que sofreu as ações decorrentes de ruptura, por bruscas mudanças em seus referenciais de conduta na chegada ao Brasil, situações não necessariamente vivenciadas por outros grupos da mesma coorte.

As idosas, nesse caso, baseiam-se em códigos de comunicação com seu meio ambiente, família e comunidade, através dos símbolos culturais japoneses que medeiam seu comportamento social, que as identificam dentro desse grupo específico, norteando seu referencial de mundo e sustentando suas normas de conduta com filhos e netos, na tentativa de manter o equilíbrio entre passado, presente e futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O número reduzido de participantes desse estudo não permite quaisquer generalizações abrangentes da temática aqui consideradas. Contudo, como estudo exploratório permitem pensar alguns fatores importantes.

O modelo de desenvolvimento humano tomado como referência a partir de Baltes e Reese (1984) sustenta que o desenvolvimento normativo, de acordo com a idade, pode não ser o mesmo para todos os grupos sociais. Percebe-se, aqui, que as histórias narradas pelas avós japonesas evidenciam acontecimentos vivenciados pelos imigrantes em sua chegada ao Brasil, principalmente, em torno das situações de precariedade econômica e social, resultando em interpretações diversas sobre o vivido, como atestam a teoria de Baltes e Reese. Outros indivíduos vivenciaram situações semelhantes naquela época, mas para esse grupo em particular, os japoneses, os fatores históricos tiveram um grande peso. Conta a avó Y.:

Y: “Então, quando chegou aqui, chegou em Santos, como fala? Porto de Santos, patrão veio buscar, aí, quando entrou casa, casa? Nunca esqueço, era coberta de tijolo, então, na parede assim, tudo barro, terra, não tinha colchão, nem cama, então foi buscar, tinha futon, aí começou dormir, aí, quando eu vi aquela casa, muito chocante, pra mim...eu era criança, mas ficou muito chocada....”

O processo migratório experienciado pelo grupo acarretou uma série de transformações em seus integrantes, que se evidenciam até hoje nos relatos dessas mulheres. Para Baltes, citado por Neri (2006), as mudanças ao longo da vida de uma pessoa, ou grupo, pressupõe de antemão uma mudança, a qual por sua vez pode ser considerada um momento de crise.

Se um membro da família experiencia uma crise, todo seu grupo também a experiencia. Para Neri (2006), o desenvolvimento humano está intrinsecamente ligado a mudanças de comportamento que acontecem ao longo de toda a vida de uma pessoa, distinguindo e caracterizando as diferenças existentes entre cada indivíduo e entre cada grupo social. As mudanças não cessam na velhice, o desenvolvimento humano não cessa com a chegada da “terceira idade”.

Segundo a autora, as crises podem ser previsíveis ou não, esperáveis ou inesperadas, respectivamente. As primeiras requerem do indivíduo um tempo de adaptação para que se enfrente o desafio proposto pelo desenvolvimento normal de sua vida, como o término de um curso superior e posterior entrada no mercado de trabalho, ou casamento, ou nascimento do primeiro filho, e assim por diante, caracterizando o desempenho normal de papéis convencionais, socialmente pré-determinados, como se a sociedade em seu todo esperasse, de antemão, que os indivíduos e grupos passassem por essas etapas em seu ciclo vital.

O segundo tipo de crise são as inesperadas, acontecem subitamente sem que o indivíduo, nem seu grupo, esperem por elas. Pode-se especular que os imigrantes japoneses, embebedos pelo sonho e esperança de enriquecerem e retornarem vitoriosos ao seu país de origem, sofreram e vivenciaram certa decepção, ao desembarcarem em território brasileiro, com clima, alimentação e rejeição sofridos por todo o grupo, além da dura realidade de constatarem que o país não era necessariamente tão paradisíaco como diziam as campanhas publicitárias veiculadas pelo governo japonês da época.

Esse sentimento de decepção foi real para a maioria dos japoneses, e a adaptação desses indivíduos foi penosa e sofrida. Alguns, inclusive, tentaram de todas as maneiras retornar para o Japão, mas eram impedidos pelo governo e fazendeiros, que os obrigavam a cumprir o contrato até o fim e trabalhar nas fazendas cafeeiras. Assim, muitos fugiam das fazendas, armavam rebeliões contra os contratantes e se negavam a trabalhar.

Com todos esses acontecimentos, compreende-se que, das crises inesperadas vivenciadas pelo grupo, decepcionado e tentando a adaptação na nova terra, derivasse em todos um senso de união, de solidariedade, buscando apoio nos iguais. O fato também fez com que se explicasse o agrupamento em colônias ao longo desses cem anos de permanência no Brasil. A partir dessa realidade, surgiu uma nova cultura familiar, distinguindo por exemplo, as famílias que permaneceram no Japão, das que vieram para o Brasil.

Nesse contexto, são as relações intergeracionais e o papel das idosas dentro da família e na comunidade como guardiãs de sua cultura, que preservam e transmitem ou não, valores japoneses às gerações futuras. É aqui que, de acordo com Ocada (2006), para se

chegar a esse entendimento, é preciso levar em consideração os acontecimentos do passado guardados silenciosamente nas lembranças das gerações mais velhas. Existem acontecimentos, que imigrantes mais velhos nem sempre gostam de falar, pois trazem à tona os momentos sofridos de opressão, que foram silenciados em suas memórias.

No caso dos japoneses, Santos (2003) vem a confirmar, que quando chegaram ao Brasil sofreram ao se deparar com condições muito adversas de vida e trabalho. E uma das formas encontradas por eles para sobreviver e permanecer foi o convívio familiar e o fato de terem se organizado em “colônias”. A vida familiar ganhou mais importância e possibilitou a preservação dos valores, das crenças e dos costumes por mais tempo, na condição de imigração, por estarem estes “fora de seu lugar”.

“Fora de seu lugar”, o grupo de imigrantes japoneses se conformou como um grupo social especial e temporalmente situado. A memória histórica e coletiva seria aí, um sistema organizado de lembranças, podendo assegurar a coesão e a solidariedade dessas pessoas, ganhando relevância nos momentos de crise e pressão vivenciados por todos quando em sua chegada ao Brasil, mas também ao longo de cem anos de vivência neste país.

De modo geral, a importância que os idosos atribuem às formas de transmissão cultural de seus antepassados são muito significativas para eles. São os protagonistas da maior parte das atividades culturais realizadas dentro de suas comunidades e também, dentro das residências, cabendo aos mais jovens a tarefa ou incumbência de dar continuidade ou não, aos anseios dos mais velhos de perpetuação da cultura oriental japonesa.

Partindo-se do princípio de que diferentes grupos têm diferentes costumes e que algumas características influenciam o suporte das relações do idoso, tanto na família como na comunidade, verifica-se que as características étnicas são mantidas e transmitidas de geração a geração, através da observação e vivência de valores, crenças e costumes por parte dos mais jovens, graças principalmente aos esforços constantes e incansáveis dos idosos empenhados em transmitir aos descendentes suas convicções.

A manutenção da unidade familiar e do grupo como um todo, bem como a preservação dos valores e costumes, podem trazer benefícios ao desenvolvimento de habilidades nos idosos, principalmente nas questões relativas aos envolvimento afetivos e sociais. E, é nesse sentido, que o ICNBC se impõe como espaço privilegiado da presente investigação, enquanto uma entidade facilitadora dos encontros culturais entre os descendentes de japoneses.

Imbuídos pelo propósito de congregarem os mesmos sentimentos de pertencimento ao grupo, objetivando a manutenção dos valores japoneses e dando sentido à vida dos mais velhos, servindo em muitos momentos como extensão de suas residências e atribuindo-lhes metas pessoais a serem atingidas, quando da participação ativa nos eventos sócio-culturais.

Para Burgess (1926), deve-se compreender o desenvolvimento individual, no caso aqui apresentado, as cinco idosas em seus relatos, dentro do contexto da família também em desenvolvimento, o que influencia logicamente os membros das gerações seguintes, pois esse processo transmite padrões de funcionamento e relacionamento entre os membros, acarretando estresse e ansiedade próprios ao momento vivido no contexto sócio-cultural.

Contudo, para Dessen (1994, 1997) as interações entre os membros da família dependem da qualidade das relações estabelecidas. Nesse caso, o presente estudo partiu do pressuposto da importância atribuída aos idosos dentro do contexto social específico das famílias nipo-brasileiras e, em particular, na cidade de Campinas. Assumiu, ainda, como ponto de partida da pesquisa, que a família, como um todo, é um contexto em desenvolvimento e como diz Kreppner (1992, 2000), um nicho primário para a promoção da sobrevivência e da socialização dos indivíduos. Por isso, entender o curso de desenvolvimento humano exigiu olhar as mudanças que ocorreram na família japonesa imigrante que, em virtude das mudanças históricas, redefiniu a posição e o papel do velho e velhice, na família e na comunidade.

Com o passar do tempo, a família se transforma, assim como os indivíduos, modificando-se nela os papéis sociais assumidos pelos seus membros, em paralelo às mudanças ocorridas em seu contexto social mais amplo, também em desenvolvimento e

com mudanças constantes. O fenômeno migratório afetou profundamente as famílias japonesas que se estabeleceram no Brasil, atingindo seus membros individual e coletivamente. Inclusive, novos arranjos foram estabelecidos para concretizarem a viagem e atenderem às exigências do processo migratório, como por exemplo, os casamentos arranjados para facilitar a documentação de entrada no Brasil e posterior trabalho nas lavouras.

Outro fato a ser destacado foi a constatação de que nem todos os japoneses eram tão unidos assim, tão companheiros de jornada nessa aventura rumo ao enriquecimento fácil e rápido em terras brasileiras. Muitos japoneses negociavam a vinda de outros para o trabalho junto aos fazendeiros brasileiros, e em grande parte das vezes, os patrões se beneficiavam dos contratos, levando as famílias a buscarem novas formas de adaptação em uma terra desconhecida e hostil.

A união da família, nesse contexto hostil vem a confirmar o que diz as autoras Carter e McGoldrick (1985), de que a definição de família varia de acordo com a bagagem cultural de cada pessoa, sua história de vida e que compreende o sistema emocional de pelo menos três a quatro gerações, sendo os hábitos e estilos de vida transmitidos por herança cultural, construindo, o fundamento de cada personalidade. Por assim dizer, é a família um contexto em desenvolvimento contínuo, em transformações freqüentes, um sistema vivo dentro de um contexto ambiental também repleto de vida.

Nesse sentido, cada família sofreu crises esperadas e inesperadas de acordo com sua maior ou menor facilidade de adaptação e reorganização, e outras, em que a rigidez das estruturas dificultou tais passagens. A flexibilidade no enfrentamento da crise variou em cada caso e de família para família. Por sua vez, a experiência crítica vivenciada pelas famílias que migraram constituiu a cultura familiar dos seus descendentes até os dias atuais e são os idosos quem fazem, hoje, a ponte entre o passado remoto e o presente. São os idosos responsáveis pela transmissão do conhecimento acumulado de uma geração a outra na linha do tempo, revelando a conexão entre desenvolvimento humano, família e cultura.

Outro aspecto em destaque é a questão étnica, que deve ser levada em consideração nos estudos com minorias de idosos dentro de uma realidade populacional ampliada. Avós japonesas podem ser consideradas, nessa visão, enquanto pertencentes a um grupo minoritário dentro da cultura brasileira.

Segundo Debert (1999b), nas pesquisas quantitativas, quando a ênfase é dada à dimensão cultural da etnicidade, a tendência, segundo a autora, seria demonstrar que os idosos pertencentes às minorias estariam em situação vantajosa quando o objetivo é mensurar o nível de satisfação e interação social. Percebe-se que as relações familiares e as outras formas de apoio oferecidas a esse grupo são muito mais intensas, se comparados a outros grupos de idosos, oferecendo em especial padrões de ajuda instrumental como bens materiais, dinheiro e apoio afetivo. É como se da família o apoio fosse estendido a outros recursos sociais, no caso estudado, a vida associativa, o ICBNC. Para a avó Y:

Y: “Ah, sim, claro, Nipo é muito importante pra mim. Faço dança japonesa com professora de São Paulo, ajudo no yakissoba, não falta, vou até doente pra Nipo”.

As sociedades diferem em suas atitudes em relação às pessoas mais velhas e a tradicional divisão entre Ocidente e Oriente talvez seja o ponto de partida para a delimitação e contextualização dos idosos aqui considerados. No extremo oriente, de modo geral, a velhice é mais reverenciada do que no ocidente, embora estudos mostrem que essa realidade está se transformando, visto que existem sinalizações de certa tendência à aquisição e desenvolvimento de valores ocidentais (Ingersoll-Dayton e Saeghtienchai, 1999).

Nas nações industrializadas, os grupos de minorias étnicas tendem a apresentar uma maior proporção de famílias multigeracionais e familiares convivendo mais proximamente. Possivelmente, o fato se dá em razão das pessoas mais velhas de minorias étnicas enfrentarem o que foi denominado por Gallagher-Thompson e colaboradores (1997), por risco duplo: são tratadas preconceituosamente, não somente por serem mais velhas, como também, devido à sua identidade racial.

Em acréscimo, Norman (citado por Paz e Aleman, 1998) afirma que, além do risco duplo, as pessoas idosas passam pelo risco triplo: velhice, etnicidade e a barreira da língua. Muitos dos efeitos do país hospedeiro são melhorados pelas práticas da comunidade minoritária à qual as pessoas mais velhas pertencem. Elas, geralmente, recorrem ao seu próprio grupo de origem quando necessário, ou seja, a família e as associações de natureza étnica.

Dentro da família e estendendo suas relações aos espaços externos criados para a manutenção e preservação da cultura japonesa, ou seja, as associações, as avós idosas buscam e, realmente encontram, a identidade própria entre seus iguais. Colocam-se do alto de seu “posto” de guardiã da cultura japonesa e se tornam o elo de ligação entre o Japão feudal e o Brasil dos tempos atuais, presentificando um passado relativamente distante e num presente de desafio na superação da discriminação representado pelo risco triplo.

A questão cultural coroa a velhice dessas avós, abrilhantando um período, dentro da visão de envelhecimento ao longo da vida que, via de regra, seria um período demarcado por doenças, declínios, decrepitude e proximidade com a morte, e também, de exclusão e negação. A tendência, segundo Debert (1999, p. 60) é ver as questões étnicas como um elemento que transforma a velhice em uma experiência bem-sucedida, ou pelo menos, *“um fator mitigador das dificuldades enfrentadas pelos idosos.”*

A etnicidade teria algumas vantagens para o idoso, como por exemplo, o de congregar idosos com a mesma identidade étnica e/ou religiosa, e oferecer uma rede de relações e associações formais e informais independentes das relações familiares, que lhe dão suporte diante da velhice, e ainda, um sentimento de pertencimento.

Contudo, nas famílias japonesas imigradas, segundo Sakurai (2000), pouca coisa, de fato, mudou em relação ao passado e ao presente. Talvez a nova dinâmica nas relações familiares que se impõe nos dias atuais possam envolver diretamente a dinâmica das relações dos idosos dentro do contexto familiar. Para Woortmann (1995), as raízes dos padrões de valores morais podem estar realmente alicerçadas no Japão tradicional, idealizado e estruturadas nem sempre por significados conscientes, como o respeito à hierarquia e o “valor-família”, estruturantes em larga medida dos comportamentos atuais nas famílias nipo-brasileiras.

O que se vê entre as avós nipo-brasileiras é que ainda persiste a presença de concepções de vida, de formas de encararem a realidade a qual pertencem, que dizem respeito à uma sociedade mais tradicional, com valores alicerçados em uma realidade que há muito tempo deixou de existir em seu país de origem. Algumas dentre elas tem seus olhares voltados para um passado vivenciado através de uma imagem saudosa de um Japão

que também já sofreu as transformações impostas pela modernidade. Entre estas e as que, num certo sentido, estão mais modernizadas, o ICBNC é o espaço da cultura própria entre pares, no fortalecimento da cultura familiar ou da cultura das relações familiares, preconizada por Saami (apud Kreppner, 2003) e que integra num mesmo contexto famílias, cultura e desenvolvimento humano.

Em síntese, esse trabalho não pretendeu apresentar respostas conclusivas aos problemas enunciados, mas, antes de tudo, trazer questões que merecem muito mais discussões. Não é um ponto de chegada, mas pode ser um singelo embrião para outras obras mais profundas a respeito do envelhecimento humano, em especial, do processo de envelhecimento de grupos sociais minoritários, dentro da sociedade brasileira, devidamente localizados no tempo e no espaço.

Realizar um estudo com minorias étnicas de idosos não é fácil, devido às barreiras lingüísticas, culturais e de valores, os quais dificultam a coleta de dados, exigindo um procedimento paciente e competente no preparo do pesquisador empenhado em realizar uma pesquisa baseada em relatos orais.

As mulheres idosas nipo-brasileiras, aqui representadas pelos cinco relatos das que sobreviveram às transformações sociais de seu tempo, passando pelas crises evolutivas do desenvolvimento humano, inseridas nos contextos ambientais também em transformação, chegaram à velhice atendendo aos apelos de uma sociedade que pré-estabelece o que é normal ou não para seus indivíduos.

E a questão de gênero torna-se um fator primordial nos estudos com essas minorias étnicas. Segundo Sakurai (1993), a experiência do fator imigração é vivenciada de forma diferenciada, tanto para homens como para mulheres, contudo, sob a ótica masculina e feminina a imigração tem o significado de “vencer na vida”, mas que se concretiza para os homens, na trajetória no mundo do trabalho e, para as mulheres, o referencial de vida é sempre o universo doméstico, que se estende ao universo associativo.

Para a autora, ainda, cabe ao homem a responsabilidade pelo grupo e por si mesmo, sendo a mulher interpretada como a colaboradora do marido. Os romances interpretados por Sakurai desvendam as atividades fundamentais desempenhadas pelas

mulheres: a socialização e o cuidado dos filhos, a preservação da língua e dos valores do grupo, a responsabilidade e as adaptações da alimentação e do vestuário, a comunicação (através das cartas escritas para a sociedade de origem).

Na cultura tradicional japonesa os papéis de gênero são rigidamente definidos pelo patriarcado, havendo uma rígida divisão sexual dos papéis, que impõe aos homens o trabalho fora de casa e às mulheres a educação das crianças e o cuidado da casa. Dessa forma, outra hipótese relevante propõe que, no espaço relegado às mulheres, a autoridade feminina é inquestionável, havendo certa autonomia de ação, ainda que no interior de uma estrutura de dominação patriarcal. Estas mulheres seriam então as guardiãs da cultura, responsáveis por grande parte da transmissão destes elementos às novas gerações. A cultura seria, portanto, o lugar do feminino por excelência, ao passo que a migração de retorno ao Japão constituiria, do ponto de vista simbólico, um ritual de passagem masculino (Ocada, 2006, p. 60).

Em suas próprias palavras, as idosas participantes desse trabalho descreveram suas infâncias, bem-estar, estilo de vida dos demais participantes de atividades, especialmente no ICNBC, e o esforço das mesmas em se adaptar e se ajustar ao seu novo lar – o Brasil. Nas narrativas ficou subentendido certa saudade do Japão, principalmente, no caso daquelas que vieram ainda crianças, transparecendo em suas verbalizações, a importância dada aos ensinamentos transmitidos pelos pais e avós que viveram no Japão.

Nesse contexto maior, o ICNBC representa a oportunidade de contato social como um todo, em que o importante seja a qualidade dos vínculos criados tanto com os familiares, como com os de seu grupo etário, quebrando imagens negativas associadas à velhice e ao processo de envelhecimento. As relações entre as gerações têm seu valor na medida em que os adultos se adaptam aos novos tempos, às novas exigências da modernidade, contudo, não aceitam abrir mão de seu papel enquanto, sim, guardiães da cultura que permeia as relações com as gerações futuras de descendentes japoneses.

Nesse sentido, as avós procuram contribuir com as regras de bem-estar e velhice vivida com grande intensidade de atividades dentro do ICNBC e da família, recreacionais e rejuvenescentes, em que o convívio intergeracional, familiar ou nesses

grupos de convivência possam criar um espaço e oportunidade para os relacionamentos com os mais jovens, trazendo a magia e o encantamento de símbolos culturais e tradições, tão importantes à sua saúde emocional e psicológica.

Assim como Debert (1999) fala sobre a reinvenção da velhice, pode-se falar na reinvenção das relações intergeracionais no mundo contemporâneo, em contextos como o aqui considerado. Talvez o cenário social deva ser reconsiderado mais pela perspectiva do idoso do que pelo neto, já que a criança ainda é um ser em formação e desenvolvimento. Nesse sentido, a reinvenção e a reprivatização das relações entre as gerações passa a ser responsabilidade e atribuição do idoso, tanto na comunidade brasileira, como na nipo-brasileira.

O exemplo que a memória e a ação dessas avós nipo-brasileiras oferecem à reflexão revela o valor e a persistência de uma herança cultural que vem sofrendo alteração no tempo, mas que não se congela e se transforma no ritmo das transformações no seio da família e da sociedade. No Japão reinventado por elas no Brasil, os nikkeis encontram tempo para respeitar seus idosos e cuidar deles.

As narrativas das mulheres retratam isso, assim como se observa que a sociedade brasileira é hoje muito mais sensível e tem aberto espaços para que experiências inovadoras de solidariedade intergeracional sejam vividas. Também há grande esforço de reeducação das pessoas para com a imagem do idoso, em especial nos grupos de convivência com jovens.

As redes sociais dentro da família e da comunidade nipo-brasileira são tecidas pelas mulheres, no papel social de avós e mães. A manutenção dos relacionamentos é exercida pelas mulheres no interior dessa comunidade étnica, que assim estabelece os laços entre o passado e o presente como um grupo singular.

Contudo, resta segundo Sakurai (2008), por decorrência da integração, a queixa que os mais idosos têm em relação aos seus descendentes, o respeito do pouco conhecimento e valorização de suas raízes étnicas e culturais. O desconhecimento da língua japonesa pelos mais jovens cria uma barreira de comunicação entre as gerações, e acaba

prejudicando a preservação da memória do passado das famílias e da história dos japoneses no Brasil.

Nesse sentido, as associações, *nihonjinkai*, entre elas o ICBNC atua na criação de laços de sociabilidade e de identidade das famílias japonesas em Campinas. A família e os sujeitos que dela fazem parte encontram aí um lugar. Um lugar de estar, um lugar de ser. Ao ver dos mais velhos, os problemas se agravam com o número muito elevado de casamentos com não descendentes. Todavia, há o temor que, o passado e toda a bagagem trazida pelos imigrantes se perca com o tempo.

Na realidade das avós está presente a esperança de que estão transmitindo aos descendentes o melhor que poderiam, que sejam: os modelos de conduta do povo japonês como os de harmonia, lealdade, honestidade e dedicação ao trabalho e aos estudos, reiterados e solidificados pelo orgulho que seus filhos e netos tem do Japão moderno, rico, e desenvolvido financeiramente.

A velhice, ao ser encarada pelos profissionais, acadêmicos, família e comunidade como uma questão social, deve permitir o repensar as relações entre os indivíduos e como estas adquirem importância vital na promoção e na reconstrução da identidade pessoal do idoso e no resgate do vínculo com os demais de seu grupo, em específico, quando se considera espaços públicos e coletivos que agregam família e o convívio de gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

André AM. A voz de um saber: o papel dos velhos entre os povos Kimbundu: Angola ontem e hoje. In: Gusmão NMM (org.). *Infância e Velhice: pesquisa de idéias*. Campinas, SP, Ed. Alínea, 2003.

Antonucci TC. Social Relations: an examination of social networks, social support and sense of control. In: *Handbook of the psychology of aging*. Academic Press, 2001.

Antonucci TC;Akiyama H. Social networks in adult life and a preliminary examination of the convoy model. *Journal of Gerontology*, v. 42, n. 5, 1987, p. 519-527.

Ariès P. *História social de criança e da família*. Rio de Janeiro, Ed. LTC, 1981.

Aspesi CC; Dessen MA; Chagas JF. A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In: Dessen MA; Costa Junior AL (Orgs.) *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre, RS, Ed. Artmed, 2005, p. 19-36.

Baltes PB; Reese HW. The life-span perspective in developmental psychology. In: Boornstein MH and Lamb ME (eds). *Developmental psychology*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1984.

Bassit AZ; Witter C. Envelhecimento: objeto de estudo e campo de intervenção. In: Witter GP (org). *Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas*. Campinas, SP, Ed. Alínea, 2006.

Benedict R. *O crisântemo e a espada*. São Paulo, SP, Ed. Perspectiva, 3ª Ed, 2007.

Bengtson VL; Treas J. The changing family context of mental health and aging. In: Birren JE and Sloane B (eds). *Handbook of mental health and aging*. New Jersey, NY, Prentice Hall, 1980.

Bengtson VL; Kuypers J. The family support cycle: psychosocial issues in the aging family. In: Munnichs JMA; Mussen P; Olbrich E (eds). *Life-span and change in a gerontological perspective*. New York, NY, Academic Press, 1986.

Bengtson VL. Is the “contract across generations” changing? Effects of population aging and obligations and expectations across age groups. In: Bengtson V L, Aschenbaum A (eds.). *The changing contract across generations*. New York, NY, Aldine De Gruyter, 1993.

Benjamin W. Teses sobre a Filosofia da História: Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Lisboa: Relógio D'Água, 1940, p. 157-170.

Berquó ES. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: Neri AL e Debert GG. Velhice e Sociedade, Campinas, SP, Ed. Papirus, Coleção Vivacidade, 1999.

Bosi E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, SP, Ed. Cia das Letras, 3ª Ed, 1995.

Bosi E. Cultura e desenraizamento. In: Bosi A. Cultura brasileira: Temas e situações (org.). São Paulo, SP, Ed. Ática, 1999, p.16-41.

Boyd HWJ; Wetfall R. Pesquisa mercadológica: texto e caso. Rio de Janeiro, RJ, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1964.

Buhler C. The curve of life as studied in biographies. The journal of applied psychology, vol. 19 (4); 1935, p. 405-409.

Burgess EW. The family as a unity of interacting personalities. The Family, vol. 7(1), 1926, p. 3-9.

Cabral BESL. Alegria de instantes: a festa de comemoração dos(as) idosos(as). In: Álvares MLM; Santos EF. Olhares e Diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste (Brasil). GEPEN/CFCH/UFGA, Redor N/NE, 1999, p. 193-200.

Cabral BESL. Solidariedade intergeracional: uma experiência dos grupos de convivência de idosos. Ilhéus, BA, Especiaria - Revista da UESC, 2001, p. 25-43.

Camarano AA (org.). Os novos idosos brasileiros. Muito além dos 60 anos. Rio de Janeiro, Ipea, 2004.

Cardoso RCL. O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. In: Saito H, Maeyama T. Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1973.

Cardoso RCL. Estrutura Familiar e Mobilidade Social. Estudos Japoneses no Estado de São Paulo, São Paulo, SP, Ed. Primus Comunicação, 1995.

Carter B; McGoldrick M. As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre, RS, Ed. Artes Médicas, 1995.

Carstensen LL. Motivação para contato social ao longo do curso de vida: uma teoria de seletividade socioemocional. In: Neri AL. Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas, SP, Ed. Papirus, 1995, p.111-144.

Carstensen LL. Evidence for a life-span theory of socioemotional selectivity. *Current Directions in Psychological Science*, n. 4, 1995, p. 151-155.

Carstensen LL. Selectivity Theory: Social Activity in Life-Span Context. *Annual review of Gerontology and Geriatrics*, New York, v. 11, 1991, p.195-217.

Centro de Memória da Unicamp. <http://www.centrodememoria.unicamp.br/laho/index.htm>.

Chick G. Culture complexity: The concept and its measurement. *Cross-Cultural Research*, 31, 1997, p. 275-307.

Debert GG. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo, SP, EDUSP, 1999.

Debert GG. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: Neri AL; Debert GG (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas, SP, Ed. Papirus, 1999b.

Debert GG. Formas de gestão da velhice: Brasil e Portugal. In: Cova A; Ramos N; Joaquim T (org.). *Desafios da comparação: família, mulheres e gênero em Portugal e no Brasil*. Oeiras, Portugal, Celta Editora, 2004, p. 235-54.

Demartini ZBF. Viagens vividas, viagens sonhadas: os japoneses em São Paulo na primeira metade deste século. *Reunião Anual da Anpocs*, 19, Caxambu, MG, 1995.

Demartini ZBF. Imigrantes japoneses em São Paulo: três gerações. São Paulo, SP, *Revista Travessia*, 1999.

Demartini ZBF. Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: elementos para a história da educação brasileira. São Paulo, SP, *Revista Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 72, Agosto/2000.

Dessen MA. Interações e relações no contexto familiar: questões teóricas e metodológicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 10, 1994, 213-220.

Dessen MA. Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas em Psicologia*, vol. 3, 1997, p. 51-61.

Dessen MA; Lewis C. Como estudar a família e o pai. Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia, vol. 8, 1998, p. 105-122.

Dessen MA; Braz MP. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 16 (3), 2000, p. 221-231.

Dessen MA; Guedea MTD. A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. Paidéia - Cadernos de Psicologia e Educação, volume 15, número 30 jan/abr, 2005.

Duvall EM. Family development . New York, NY, (2ª ed. Revisada), New York, Lippincott, 1962.

Elder G. Human lives in changing societies: Life course and developmental insights. Em R.B. Cairns, Elder GH e Costello EJ. (Orgs.), Developmental science, New York, NY, Cambridge University Press, 1996, p. 31-62.

Ennes MA. A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, Editora Unesp, 2001.

Erikson EH. Identity, youth and crisis. New York, NY, WW Norton e Co, 1968.

Erikson EH. Childhood and society. Nova York: Van Nostrand, 1950. (publicado em português pela Editora Zahar, Rio de Janeiro, RJ, 1963).

Fundação IBGE. Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, RJ, 1982.

Gallagher-Thompson D. Hispanic caregivers of older adults with dementia: cultural issues in outreach and intervention. Vol. 21, n. 02, 1997, p. 211-232.

Goldani AM. Contratos intergeracionais e reconstrução do Estado de Bem-Estar. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil? In: Camarano AA. (org.). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro, RJ, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, Cap. 7, 2004.

Gusmão NMM. Fundo de memória: Infância e escola em famílias negras de São Paulo, SP, Cad. CEDES, v.18, n.42, 1997.

Gusmão NMM. Infância e velhice: pesquisa de idéias. Campinas, SP, Ed. Alínea, 2003.

Hironaka C. Horas e Dias do Meu Viver, São Paulo, SP, Ed. Diário Nippak, 1994.

Ingersoll-Dayton B; Saeghtienchai C. Respect for the elderly in Asia: stability and change. *International journal of aging and human developmental*, vol. 48, 1999, p.113-130.

Jackson JS; Antonucci TC; Gibson RC. Cultural, racial and ethnic minority influences on aging. In: Birren JE, Schaie KW (eds). *Handbook of the psychology of aging*, 3ª Edition, San Diego, Academic Press, 1990.

Jornal Folha Obara. Sonhos que se transformaram em contos. Entrevista concedida pela autora em 13/07/2007. <http://folhaobara.wordpress.com/2007/07/13/sonhos-que-se-transformaram-em-contos/>.

Kahn RS; Antonucci TC. Convoys over the life course: attachment, roles, and social support. In: Baltes PB e Brim OG. (eds.). *Life span development and behavior*. New York: Academic Press, vol.3, 1980, p. 253 – 283.

Kobayashi MKT. *A comunidade japonesa de Campinas: a história do Instituto Cultural Nipo-Brasileiro de Campinas*. Campinas, SP, Editora Komedi, 2006.

Kreppner K. Development in a developing context: rethinking the family's role for the children's development. In: LT Winegar e J Valsiner (org). *Children's development within social context* (p.161-180). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1992.

Kreppner K. The child and the family: interdependence in developmental pathways. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 17, 2000, p. 97-107.

Kreppner K. Sobre a maneira de produzir dados no estudo da interação social. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 2, 2001, p.97-107.

Kreppner K. Social relations and affective development in the first two years in family contexts. In: J Valsiner e KJ Connolly (orgs). *Handbook of developmental psychology*. Londres, Sage, 2003. p. 194-214.

Lang ABS; Campos MCSS; Demartini ZBF. *História Oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU*. São Paulo, SP, Ed. Humanitas, 1998.

Leme LEG. A Gerontologia e o problema do envelhecimento: visão histórica. In: Papaléo Neto M. *Gerontologia*. São Paulo, SP, Ed. Atheneu, 1996, p.12-23.

Lemos N; Medeiros SL. Suporte social ao idoso dependente. In: Freitas EV, Py L, Neri AL, Cançado FAXC, Gorzoni ML, Doll J. Tratado de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, RJ, Ed. Guanabara Koogan, 2ª. Edição, 2006.

Levin J. Estatística aplicada a ciências humanas, São Paulo, SP, 2ª. Edição, Ed. Harbra, 1987.

Lins de Barros MM. Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira, Rio de Janeiro, RJ, Ed. Jorge Zahar, 1987.

Lins de Barros MM. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: Py L, Pacheco JL, Martins de Sá JL. Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais, Rio de Janeiro, RJ, Ed. Nau, 2004.

Lobato M. Contos escolhidos. São Paulo, SP, Ed. Brasiliense, 1993.

Lopes ESL; Neri AL; Park MB. Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. Textos sobre Envelhecimento, 8(2), 2005, p. 239-253.

Martins de Sá JL. Gerontologia e interdisciplinaridade: fundamentos epistemológicos. In: Meihy JCSB. Manual de história oral. São Paulo, SP, Edições Loyola, 1996.

Marconi MDA, Lakatos EM. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados, São Paulo, SP, Ed. Atlas, 1996.

Mattar FN. Pesquisa de marketing: edição compacta. São Paulo, SP, Ed. Atlas, 1996.

Meihy JCSB. Manual de história oral. São Paulo, SP, Edições Loyola, 1996.

Minuchin P. Families and individual development: provocations on the field of family therapy. Child development., vol. 56, 1985, p. 289-302.

Minuchin P. Relationships within the family: a systems perspectives on development. In: R. Hinde e J Stevenson-Hinde (orgs). Relationships within families: mutual influences, Oxford, UK, Clarendon Press/University Press, 1988, p. 8-25.

Nabão RM. Os nomes personativos dos japoneses e nipo-descendentes em Terra Roxa/Paraná. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, 2006.

Neri AL; Debert GG. Velhice e Sociedade. Coleção Vivacidade. Campinas, São Paulo, Ed. Papirus, 1999.

Neri AL. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. In: Neri AL (org.). Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, São Paulo, Editora Papirus, 2001.

Neri AL. Palavras-chaves em gerontologia. Campinas, São Paulo, 2ª Ed, Ed. Alínea, 2005.

Neri AL. Teorias psicológicas do envelhecimento. In: Freitas EV, Py L, Neri AL, Cançado FAXC, Gorzoni ML, Doll J. Tratado de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, RJ, 2ª. Edição, Editora Guanabara Koogan, 2006.

Norman A. Triple jeopardy: growing old in a second homeland. London, Centre for Police on Ageing, 1985.

Ocada FK. Memórias de avós na análise da migração para o Japão: o movimento de kassegui. Exame de qualificação (Doutorando em Sociologia), Unesp, Araraquara, 2004.

Ocada FK. A tecelagem da vida com fios partidos: as motivações invisíveis da emigração de kassegui ao Japão em quatro estações. Tese de Doutorado, Unesp/Araraquara. 2006.

Oliveira PS. Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo, SP, Ed. Hucitec, 1999.

Oliveira SL. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo, SP, Ed. Pioneira, 1997.

Organização Mundial de Saúde. <http://www.who.int/en/>.

Osório LC. Afamília como grupo primordial. In: Zimerman DE, Osório LC (org.). Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre, RS, Ed. Artes Médicas, 1997.

Paz J; Aleman S. The Yaqui elderly of old Pascua. Journal of Gerontology Social Work, vol. 30, 1998, p. 47-59.

Peixoto CE. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: Peixoto C, Singly F, Cicchelli V. (orgs.). Família e Individualização. Rio de Janeiro, RJ, Ed. FGV, 2000, p.95-112.

Peixoto CE. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: Peixoto C (org.). Família e Envelhecimento, Rio de Janeiro, RJ, Ed. FGV, 2004, p. 57-84.

Pereira L. O estilo japonês de Sampa. Especial da Rádio Nacional sobre São Paulo. Agência Brasil, 2004. [http:// www.radiobras.gov.br/especiais/saopaulo450/sp450_mat12_2004.htm](http://www.radiobras.gov.br/especiais/saopaulo450/sp450_mat12_2004.htm).

Pinto ALG. Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissional. Tese de doutoramento em Linguística Aplicada. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2000.

Pinto MEB; Neri AL. Discutindo mitos, desvendando sentidos: velhice, dependência e cuidado segundo jovens, adultos e idosos de origem japonesa. In: Neri AL. Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais. Campinas, São Paulo, Ed. Alínea, 2002.

Portelli A. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. In: Portelli A. Projeto História, São Paulo, PUCSP, 1997.

Queiroz MIP. Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'. In: Simson ORMV (org.). Experimentos com histórias de vida. São Paulo, SP, Ed. Vértice, 1988, p.14-44.

Rossi A. Aging and parenthood in the middle years, In: Life span development and behavior, vol. 3, New York, Baltes, O`Brim, Academic Press, 1980.

Saad SM. Tendências e conseqüências do envelhecimento populacional no Brasil. In: Série Informe Demográfico. A População Idosa e o Apoio Familiar (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados SEADE, org.), São Paulo, SP, Fundação SEADE, 1991, p. 3-10.

Saad SM. Transferências de apoio entre gerações no Brasil: um estudo para São Paulo e Fortaleza. In: Camarano AA. (org.). Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro, RJ, IPEA, 1999.

Sakurai C. Romanceiro da imigração japonesa. São Paulo, SP, Ed. Sumaré, 1993.

Sakurai C. Imigração tutelada: os japoneses no Brasil. Campinas, SP. Unicamp, 191p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Unicamp, 2000.

Sakurai C. Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941). In: Boris F. Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo, SP, Edusp, 2000.

Sakurai C. Nipo Brasileiros: passado e presente. Jornal Discover Nikey. Artigo publicado em 24/01/2008. <http://www.discovernikkei.org/en/what/>.

Santos MA. Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, Ed. Hucitec, 1996.

Santos MA. O cuidador familiar de idosos com demências: um estudo qualitativo em famílias de origem nipo-brasileira e brasileira. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Unicamp. Campinas, São Paulo, 2003.

Saraceno C. Sociologia da família. Lisboa, Portugal, Editorial Estampa, 1987.

Schaie KW; Willis SL. Psychometric intelligence and aging. In F. Blanchard-Fields & T. M. Hess (Eds.), Perspectives on cognition in adulthood and aging, New York: McGraw-Hill, 1996, p. 293-322.

Seyferth G. Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro: uma comunidade do Vale do Itajaí. Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, SC, 1982.

Shiba G; Oka R. Japanese americans. In: Lipson JG. et al. Culture and nursing care: a pocket guide. California: Regents, 1996.

Simson ORMV. Os desafios contemporâneos da história oral. Campinas, SP, Centro de Memória da Unicamp, 1997.

Simson ORMV (org). Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo, SP, Ed. Vértice, 1988.

Simson ORMV. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento. O exemplo do Centro de memória da Unicamp. Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias. Questões para a história da Educação. Campinas, SP, Ed. Autores Associados, Bragança Paulista, Universidade São Francisco, 2000, p 63-74.

Simson ORMV; Giglio ZG. A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida. In: Neri AL. Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas, 2ª Ed, Campinas, São Paulo, Ed. Papirus, 2005.

Sommerhalder C; Nogueira EJ. As relações entre gerações. In: Freire SA, Neri AL (orgs.) E por falar em boa velhice. Campinas, SP, Ed. Papirus, 2000, p. 101-112.

Souza EM. Reminiscências integrando gerações: a arte de compartilhar memórias. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1999.

Stuart-Hamilton I. A psicologia do envelhecimento: uma introdução. Porto Alegre, RS, Ed. Artmed, 2002.

Super CM; Harkness S. The environment as culture in developmental research. Em S.L. Friedman & T.D. Wachs (Orgs.), Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts. Washington, DC: American Psychological Association, 1999, p. 279-323.

Thompson P. A voz do passado: história oral. São Paulo, SP, Ed. Paz e Terra, 1992.

Uhlenberg P. Commentary: demographic influences on intergenerational relationships. In: Bengston VL; Schaie KW; Burton LM (Orgs.) Adult intergenerational relationships. New York: Springer Publishing Company, 1995, p. 19-25.

Uhlenberg P. Integration of old and young. In: The Gerontologist, v. 40, n. 3, 2000, p. 276-279.

Van de Vijver F ; Leung K. Methodological issues in psychological research on culture. Journal of Cross-Cultural Psychology, 2000, vol.31, p. 33-51.

Woortmann EF. Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: tradição e modernidade. Revista Série em Antropologia, Brasília, DF, vol. 38, n. 02, 1995.

Yamaguchi M; Silverstein M. The Impact of Acculturation and Ethnic Identity on the Intergenerational Relations and Psychological Well-being of Japanese-American Elderly in a Retirement Residence. Hallym International Journal of Aging. 5(1), 2003, p. 1-17.

ANEXOS



ANEXO 1

Termo de consentimento livre e esclarecido

TÍTULO: Velhice e cultura nas relações familiares e intergeracionais: *um estudo com avós nipo-brasileiras na cidade de Campinas.*

RESPONSÁVEL: Rosana Augusta Boncompagno Rossi Pacheco.

FONE: (19) 9286-2809.

ENDEREÇO ELETRÔNICO: srpacheco@gmail.com

Eu, _____, _____ anos,

RG _____, residente à: _____, na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, concordo em participar da pesquisa em questão, que tem por finalidade compreender as relações intergeracionais e a posição do idoso na configuração da família nipo-brasileira, através de narrativas sobre minha trajetória familiar e de minhas participações nas atividades culturais do ICNBC. Concordo que:

1. serei submetida a uma entrevista oral, que será registrada (anotada) pela pesquisadora com duração de aproximadamente 1 (uma) hora;
2. receberei resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos assuntos relacionados à pesquisa pela pesquisadora;
3. tenho a garantia do sigilo e do caráter confidencial das informações que prestarei à pesquisa;
4. minha participação será voluntária, e caso tenha interesse, poderei ser informado sobre todos os resultados obtidos.
5. caso sinta qualquer questão que cause desconforto seja de qualquer natureza, sinto-me à vontade para recusar-me a responder ou para retirar meu consentimento, a qualquer momento, sem que seja necessário apresentar justificativas.

Data: ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Eu, _____, RG _____, declaro que informei ao entrevistado _____ o propósito e as implicações desta pesquisa.

Data: ____/____/____

Assinatura da pesquisadora

ANEXO 2

Consentimento para gravação de entrevistas

Autorizo que minha entrevista seja concedida à Rosana Augusta Boncompagno Rossi Pacheco para coleta de dados de seu projeto seja gravada em fitas cassetes. O propósito da gravação é garantir a acuracidade das informações prestadas.

As informações obtidas por meio da entrevista serão transcritas sem o nome do entrevistado e a transcrição não conterá informação alguma que o (a) identifique. Para assegurar esse sigilo, cada transcrição terá um código numérico.

Campinas, ____/____/____.

Nome do entrevistado: _____

Assinatura do entrevistado

Assinatura da pesquisadora

Rosana Augusta Boncompagno Rossi Pacheco

Telefones: (19) 3241-7775 e (19) 9286-2809

Endereço eletrônico: srapacheco@gmail.com

ANEXO 3

Roteiro para entrevistas

- 1) Como eram as relações entre as gerações na infância do idoso.

- 2) Como são as relações entre as gerações nos dias atuais.
 - a) em relação aos filhos
 - b) em relação aos netos
 - b.1. quantos netos tem?
 - b.2. quais as idades
 - b.3. onde moram?
 - b.4. frequência da convivência.
 - b.5. natureza da relação
 - b.5. freqüentam o Nipo.

- 3) Como o idoso se vê na configuração familiar.
 - a) origem do idoso
 - b) qual inserção social hoje.
 - c) trabalha fora
 - d) tipo de família
 - e) condição sócio-econômica
 - f) o que faz no Nipo

- 4) Conflitos entre as gerações.
 - a) Concorda com o casamento dos filhos com brasileiras não descendentes:
 - b) Educou os filhos segundo a tradição japonesa:

ANEXO 4

Perfil da Entrevistada (ficha do informante)

ENTREVISTADA ():.....

Datas das entrevistas:.....

Local da entrevista:.....

Local do nascimento:.....

Data do nascimento:.....

Idade atual:.....

Pais imigrantes?.....

Nº de irmãos:.....

Atividades dos pais no Japão:

Profissão do entrevistado:

Tempo de escolaridade:.....

Estado civil:.....

Nacionalidade:.....

Data do casamento:.....

Com que mora:.....

Qual a religião:.....

Realiza atividades físicas:.....

De quais atividades participa no Nipo:.....

